

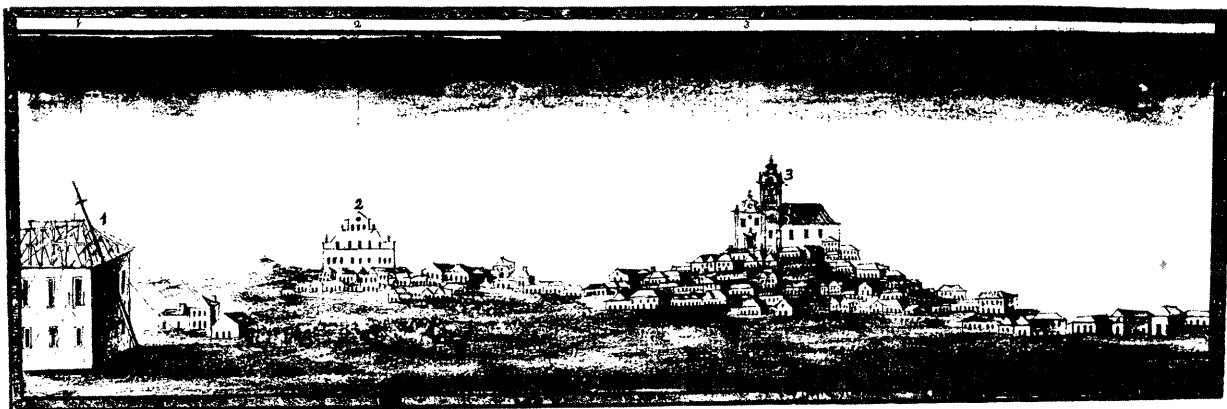
1. Casas que está fazendo Mr.^o Joze de Almeida 2. Conv.^{to} dos Camilos 3. Igreja Matriz

AS MURALHAS DE PORTIMÃO

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA LOCAL

FRANCISCO JOSÉ CARRAPIÇO

JAIME ASCHEMANN PALHINHA • JOSÉ MANUEL BRÁZIO



1..Casas que está fazendo Fr.^{co} Joze de Almeida 2..Conv.^{to} dos Camilos 3. Igreja Matriz

AS MURALHAS DE PORTIMÃO

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA LOCAL

FRANCISCO JOSÉ CARRAPIÇO

JAIME ASCHEMANN PALHINHA • JOSÉ MANUEL BRÁZIO

CINQUENTENÁRIO DE PORTIMÃO

FRANCISCO JOSÉ CARRAPIÇO

JAIME ASCHEMANN PALHINHA // JOSÉ MANUEL BRÁZIO

AS MURALHAS DE PORTIMÃO

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA LOCAL

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO

1 9 7 4

Gravura da Capa — Vila Nova de Portimão no final
do séc. XVIII (1794). Extraída da Carta Antiga n.º 268
da Mapoteca do Instituto Geográfico e Cadastral.

AGRADECIMENTOS

Esta pequena obra só foi possível graças à amável colaboração e compreensão de todos aqueles que, de uma forma directa ou indirecta, nos ajudaram e ampararam durante a realização deste trabalho.

Queremos agradecer de forma particular ao Dr. José Tello Queiroz a amável colaboração que nos prestou e o incentivo que nos deu durante a realização deste nosso trabalho.

Também aqui fica o nosso agradecimento muito especial para o Dr. Mário Fernandes Ferro, professor do Liceu Nacional de Portimão, pelo apoio, compreensão e orientação didáctica e metodológica, absolutamente necessários para a realização desta pequena obra.

Agradecemos igualmente ao Instituto Geográfico e Cadastral, nas pessoas dos Engenheiros Fonseca Alexandre e Gabriel Mendes, que amavelmente se prontificaram a pôr à nossa disposição todos os elementos de consulta aí existentes, absolutamente necessários para a concretização deste trabalho.

OS AUTORES

PREFÁCIO

É para ti, meu caro amigo Cidadão Despreocupado, que nós dirigimos este trabalho. Tu que trabalhas nesta cidade, que passas por ela sem a veres quando vais apressado para o emprego, ou quando regressas calmamente ao teu lar, tu que levas uma vida calma e descontraída tenta aperceber-te do que te rodeia.

Por acaso já imaginaste, num momento de descanso, como seria Portimão há uns 400 ou mesmo 500 anos atrás? Já pensaste alguma vez que Portimão poderia ter tido muralhas e que alguns dos seus restos ainda hoje existem? Pois, meu caro amigo Cidadão Despreocupado, a esta e outras dúvidas poderás encontrar as respostas desejadas dentro desta pequena obra, se tiveres a paciência de a ler.

Espero que quando a terminares, consigas ver que existe realmente uma «coisa», com que tu te podes orgulhar na tua cidade e que aquele muro velho e feio que existe junto ao teu quintal e que tanto te irrita, passe agora a ser para ti, o símbolo de uma herança que tu, meu caro amigo Cidadão Despreocupado, saberás conservar e merecer.

Agosto de 1974

LEGENDA

1 PORTA DA RIBEIRA	10 IGREJA MATRIZ
2 PORTA DA SERRA	11 IGREJA DO COLÉGIO
3 PORTA DE SÃO JOÃO	12 IGREJA DE SÃO JOSÉ
4 PORTA DA GUARDA	13 IGREJA DA MISERICÓRDIA (EXTINTA)
5 POSTIGO DA IGREJA	14 IGREJA SANTA ISABEL (EXTINTA)
6 POSTIGO DOS FUMEIROS	15 IGREJA Sã DA TOCHA (EXTINTA)
7 POSTIGO DE SANTA ISABEL	16 IGREJA DO COMPROMISSO (EXTINTA)
8 BALUARTE DE S ^a BARBARA	17 PALACETE DOS SARREAS
9 BARBACAM	18 ESCOLA TÉCNICA
MURALHA EXISTENTE	MURALHA DESAPARECIDA

PESQUISA E DESENHO:
FRANCISCO JOSÉ DO NASCIMENTO CARRAPIÇO
JOSE MANUEL RÉGO LOURENÇO BRÁZIO
JAIANE ASCHMANN BISPO PALHINHA

1973

1	PORTA DA RIBEIRA	10	IGREJA MATRIZ
2	PORTA DA SERRA	11	IGREJA DO COLÉGIO
3	PORTA DE SÃO JOÃO	12	IGREJA DE SÃO JOSÉ
4	PORTA DA GUARDA	13	IGREJA DA MISERICÓRDIA (EXTINTA)
5	POSTIGO DA IGREJA	14	IGREJA SANTA ISABEL (EXTINTA)
6	POSTIGO DOS FUMEIROS	15	IGREJA SÃO DA TOCHA (EXTINTA)
7	POSTIGO DE SANTA ISABEL	16	IGREJA DO COMPROMISSO (EXTINTA)
8	BALUARTE DE S ^{TA} BARBARA	17	PALACETE DOS SARREAS
9	BARBACAM	18	ESCOLA TÉCNICA
19	MURALNA EXISTENTE	19	MURALNA DESAPARECIDA

PESQUISA E DESENHO:
FRANCISCO JOSÉ DO NASCIMENTO CARRAPIÇO
JOSÉ MANUEL RÊGO LOURENÇO BRÁZIO
JAIME ASCHEMANN BISPO PALHINHA

J. B. J. Palmer

INTRODUÇÃO

Durante a demolição de uma série de casas na rua Diogo Tomé foram postos a descoberto alguns troços de muralha que despertaram, desde o início dos trabalhos, a atenção e a curiosidade dos construtores. Mais tarde, esta descoberta levou-nos a interessar vivamente por este assunto.

Na verdade, não era por nós inteiramente desconhecida a existência de muralhas em Portimão, já que nas duas monografias escritas sobre a cidade, elas são mencionadas. Mas a sua localização era obscura e não havia a certeza de que alguns restos de muralha tivessem sobrevivido ao tempo e aos estragos dos homens.

Partindo deste ponto, reunimos todos os elementos mais activos e interessados neste problema para que se tentasse fazer um reconhecimento, localização e traçado das muralhas da antiga vila de Portimão. Até à presente data, segundo cremos, não tinha sido feito semelhante trabalho, tornando-o assim num documento essencial e de toda a utilidade para o conhecimento histórico da cidade.

Pretendemos com este trabalho fazer, não uma nova história de Portimão, mas sim lançar, baseando-nos em dados reais, obtidos através da consulta de livros, mapas e, sobretudo, da observação directa no local, um pouco de luz sobre o problema da localização das muralhas na actual cidade de Portimão. Assim elaborámos três mapas originais. Um deles mostra-nos Portimão em 1773 e foi baseado na carta antiga n.º 267 do Instituto Geográfico e Ca-

dastral. Outro, da vila em 1818, resultou da consulta do Tombo dos Bens do Concelho e contém a relação dos aforamentos que nos foi possível reconstituir. Com a elaboração deste mapa, foi-nos possível suprimir certas dúvidas que restavam quanto à localização exacta das muralhas. Finalmente, o terceiro mapa mostra-nos o traçado da muralha de Portimão em 1973.

Sempre que necessário faremos alguns comentários que auxiliem o leitor a ter uma visão correcta do contexto histórico-sócio-económico em que as muralhas e, sobretudo, Portimão, estavam enquadrados.

Embora, por motivos metodológicos comecemos a nossa obra no séc. XV, já que foi neste século que se iniciou a construção da muralha da Vila, não queremos deixar de referir que a história de Portimão remonta a muitos séculos atrás como o demonstra, claramente, a descoberta de objectos pré-históricos neste local (VEIGA, Estácio da — *Antiguidades Monumentais do Algarve*, vol. II, pg. 345). Outros achados arqueológicos demonstram-nos a passagem de várias civilizações, entre as quais podemos salientar com segurança, a romana. Esta civilização fundou em Portimão ou em Alvor, a cidade de Portus Hannibalis que, segundo muitos autores, teria sido, anteriormente o local de desembarque das tropas cartaginesas na Península Ibérica, antes da segunda Guerra Púnica.

Mais tarde, durante o domínio árabe, Portimão teria sido o porto da cidade de Silves devido às suas excepcionais condições naturais. Por aqui se efectuariam as trocas comerciais com o resto do mundo árabe.

Depois da conquista do Algarve, pelos Portugueses, começou-se a verificar, a partir do séc. XV, um crescente assoreamento de Silves. Consequentemente, Portimão foi adquirindo gradual importância, com prejuízo para Silves. Os seus habitantes, devido às crescentes epidemias que aí começaram a grassar, motivadas pela estagnação das águas, decidiram, em alguns casos, deslocar-se para a zona de Portimão e fundar uma povoação denominada

São Lourenço da Barrosa. Esta povoação fundada no séc. XV (provavelmente em 1463), não deve ser considerada como o ponto de origem de Portimão, já que, se por um lado coexistiram no mesmo século, Portimão dependia do seu donatário, enquanto que São Lourenço da Barrosa dependia, directamente, do poder real. Aliás, a antiguidade de Portimão está demonstrada inequivocamente através do foral dado por D. Manuel I, onde é referido um outro, dado por D. Afonso III, no séc. XIII.

A história de S. Lourenço da Barrosa foi relativamente curta e triste, já que desde a sua fundação se começou a gerar uma nefasta competição económica entre ela e os donatários de Portimão que, ao fim de algum tempo, conseguiram fazer com que S. Lourenço da Barrosa desaparecesse, sendo posteriormente incorporada em Portimão e perdendo todas as regalias régias.

Actualmente encontramos o sítio de S. Lourenço situado perto do local dos Três Bicos onde, possivelmente, se deveria ter situado a antiga povoação de S. Lourenço da Barrosa. Isto demonstra-nos, de uma forma inequívoca, que os interesses económicos são um dos principais factores que regulam os factos históricos.

A VILA E SEUS DONATÁRIOS

Podemos afirmar que a vila de Portimão, com a sua muralha, se enquadra no contexto das vilas e cidades da Idade Média portuguesa, estreitamente relacionadas com uma actividade agrícola precária e uma exploração piscatória mais ou menos organizada e que, em muitos locais, era um dos pontos de sobrevivência das populações.

Tinham uma organização sanitária e hospitalar muito longe das necessidades que a época exigia. Disto são bem prova as fre-

quentes epidemias que se originavam nessas cidades, devido às poucas ou nenhuma condições de higiene aí existentes.

Portimão enquadrou-se dentro deste padrão, tendo tido vários senhores e donatários. O primeiro, foi Rui Afonso de Mello, porta-estandarte do Infante D. Henrique na jornada de Tânger, que morreu em 1467 quando pretendia pôr fim a uma contenda entre tripulações de navios franceses e ingleses ancorados no rio Arade.

Estando o lugar vazio, resolveu D. Afonso V doar Portimão a Gonçalo Vaz de Castelo Branco, pela sua bravura na batalha de Toro, em carta de 10 de Abril de 1476. Este facto vai ter muita importância para a continuação das obras das muralhas, já que, ao que parece, foi D. Afonso V e não Gonçalo Vaz Castelo Branco quem ordenou o seu início, mesmo antes da doação do local a este último. Devemos referir que, nessa altura, qualquer lugar só poderia ser designado por *vila* se fosse cercado de muralhas. Este facto tem grande significação, já que pela primeira vez se emprega a palavra *vila* para Portimão nas Cortes de Évora de 5 de Março de 1475, em que também é pedida a *continuação do cerco de Villa nova de Portimão*. Semelhante pedido é renovado mais tarde nas Cortes realizadas em Montemor-o-Novo, a 9 de Fevereiro de 1477.

Podemos afirmar que Portimão foi elevado a vila pelo menos em 1475 (data da primeira referência escrita a este respeito), coincidindo esta data com o início dos trabalhos de muralhamento.

Continuando a nossa pequena descrição sobre os senhores de Vila Nova de Portimão, aparece-nos, depois da morte de Gonçalo Vaz de Castelo Branco, seu filho, D. Martinho Castelo Branco, primeiro conde desta vila. Esta foi doada por carta régia de D. Manuel I a 28 de Maio de 1504, e confirmada mais tarde por D. João III.

D. Martinho Castelo Branco continuou a construção da muralha, parecendo que as obras de fortificação só terminaram por volta do fim da primeira metade do séc. XVII, já que um documento

existente na Torre do Tombo diz: «*Em 20 de Dezembro de 1647 foi concedida a António da Costa Mascarenhas, natural de Portimão e filho de Pedro da Costa Cabrita, a mercê de um ofício de justiça, ou fazenda para a pessoa, que casasse com sua irmã, e a promessa da pensão de quarenta mil reis em uma das comendas de Avis, para os ter, com o hábito da mesma Ordem, além de outros pelos serviços prestados na capitania de Alvor, e na fortificação de Vila Nova de Portimão*». (Extraído da *Memória Monográfica de Villa Nova de Portimão*, do P.^c José Gonçalves Vieira, pág. 19).

Pelo que podemos deduzir deste documento, as muralhas só teriam ficado terminadas totalmente, na primeira metade do séc. XVII, mais precisamente por volta de 1647. No entanto, é estranho que se tivesse levado aproximadamente duzentos anos para levar a cabo a fortificação total de Portimão. O que bem poderia ter acontecido é que este documento se refira a alguma renovação ou modificação da estrutura inicial da muralha, como por exemplo, a construção do baluarte, que pela sua estrutura deve ter sido posterior à muralha, ficando assim a vila com um estilo de fortificação mais bem adaptado às necessidades de defesa da época.

Achamos, de fundamental interesse, falar um pouco mais sobre a biografia de Gonçalo Vaz de Castelo Branco e de D. Martinho de Castelo Branco, para compreendermos a importância que Portimão teria no contexto económico do Algarve.

Foi encontrada uma lápide tumular, em mármore, na antiga igreja de S. Martinho de Lisboa, hoje demolida, e que ficava próxima do local denominado Limoeiro. Esta lápide tinha o seguinte epitáfio: «*Aqui jaz Gonçalo de Castelo Branco Valente, senhor de Vila Nova de Portimão, Monteiro-Mor, Almotacel-Mor, Escrivão da Puridade, Vedor da Fazenda de El-Rei D. Afonso V e seu testamenteiro, em cujo serviço e companhia foi à tomada de Arzila em África e em Castela com 180 de cavalo rompeu a primeira batalha de Toro, e jaz com ele D. Beatriz Valente, sua mulher e seu filho D. Martinho de Castelo Branco, conde e senhor de Vila Nova de Portimão, Camareiro-Mor de*

El-Rei D. João III e dos três Reis atrás, Veador da Fazenda de El-Rei D. Manuel I e seu testamenteiro o qual da idade de quinze anos se achou na batalha de Toro e de 62 levou a infanta D. Beatriz a Sabóia. Foi casado com D. Beatriz de Noronha, que aqui também jaz. Pai e filho foram governadores de Lisboa. Viveram até à idade de setenta anos» ().* (Memória Monográfica de Villa Nova de Portimão, pág. 25).

Como se pode verificar qualquer destes nobres desempenhou cargos de capital importância na corte dos monarcas que serviram, cargos estes que exigiam inteira lealdade e confiança do Rei. O exemplo mais flagrante foi o de D. Martinho que acompanhou, como chefe da comitiva real, D. Beatriz a Sabóia (Itália) para efectuar o seu casamento.

IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DE PORTIMÃO

Podemos deduzir que os primeiros donatários de Vila Nova de Portimão eram nobres muito importantes e poderosos. E o facto de ter sido doado Portimão a Gonçalo Vaz de Castelo Branco por D. Afonso V é de grande importância já que, de certeza, D. Afonso V não iria ofertar uma posição sem valor a uma pessoa pela qual tinha tanta estima e amizade. E parece que assim era de verdade, já que Portimão desempenhou, assim como actualmente desempenha, um papel preponderante na economia algarvia.

Foi um centro importante de comércio e indústria ligado às actividades piscatória e agrícola e, também, um centro de exportação de vários produtos, entre os quais se situavam com elevada importância a fruta, sal e peixe seco. Aqui chegavam, frequentemente, navios estrangeiros, para efectuarem trocas comerciais, devido às excelentes condições do porto, particularmente a Mexi-

(*) A infanta D. Beatriz referida era a filha de D. Manuel I.

lhoeira Pequena, onde atingia grande profundidade, que funcionava como ancoradouro de navios de grande tonelagem. Na sua *Corografia do Reino do Algarve* Frei João de S. José refere que neste porto (séc. XVI) *se embarca o mais figo do Algarve*, concluindo-se daqui a sua imediata importância económica. A extracção do sal, e a sua exportação, tornaram-se um dos maiores rendimentos dos donatários da vila.

Aliado a este contexto económico, ligavam-se uma inúmera série de indústrias de base que apoiavam estas exportações para o estrangeiro. Por exemplo, existiram, no séc. XVI, estaleiros construtores de barcos que apoiavam essa exportação. (J. Romero Magalhães — *Para o Estudo do Algarve Económico durante o Século XVI*, pág. 189). Numa carta dirigida ao Rei, os moradores de Portimão fazem referência à construção de *barque, caravella e naujo* (extraído do mesmo livro, pág. 178), cujas madeiras provinham da serra de Monchique, a qual era, assim, de importância vital para a construção das embarcações e para a economia de Portimão.

Por vezes, houve alturas, em que os estaleiros situados em Portimão construíram navios que eram vendidos para o estrangeiro, mas esta regalia terminou no reinado de D. Sebastião por ordem do monarca, que só *autorizava o corte de madeiras se fossem só para uso dos naturais* (idem, pág. 191).

Como se pode verificar, tanto D. Gonçalo como depois o seu filho, D. Martinho, tinham notório interesse em conservar Portimão, de onde tiravam bastantes regalias económicas, já que ao contrário do que se poderia pensar, Portimão, desde que foi elevado a vila, desempenhou papel muito importante no contexto económico algarvio.

Embora nos desviemos um pouco do tema principal desta publicação, não queremos deixar passar em claro o foral, ou melhor, os forais dados a Portimão.

O foral mais conhecido foi dado a Portimão por D. Manuel I,

a 1 de Junho de 1504, e nele se faz referência a outro, dado por D. Afonso III a Portimão e que, provavelmente, se terá perdido. Verifica-se assim que duzentos anos antes de D. Afonso V, já Portimão tinha o seu foral, sendo por isso, na altura, um local de certa importância para o merecer.

O TERRAMOTO DE 1755

Alguns troços de muralha se conservaram até à actualidade, mas muitos mais se teriam conservado se não fosse o terrível flagelo que nos atingiu no séc. XVIII, o terramoto de 1 de Novembro de 1755.

Todo o País foi atingido por ele e, sobretudo, o Algarve, sofreu grandes danos com esta catástrofe. Portimão não fugiu à regra.

Para que o leitor possa ter uma ideia das proporções do que foi este terramoto, incluímos seguidamente neste trabalho uma pequena síntese sobre esses acontecimentos baseada parcialmente na nossa transcrição do documento original (consultar o Apêndice A), referente ao inquérito sobre Vila Nova de Portimão feito pelo Marquês de Pombal.

Eram nove horas e quarenta e cinco minutos do dia 1 de Novembro de 1755. Um forte ruído subterrâneo acompanhado de uma longa vibração da terra, apanharam desprevenidos muitos fiéis que nesse momento se encontravam a ouvir missa. A confusão foi total, acompanhada ainda pelo desabar de paredes e gritos dos feridos. Passados os primeiros seis minutos desta catástrofe, uma aparente acalmia de cinco minutos se seguiu. Mas depois, um novo abalo sísmico mais forte que o anterior e com a duração de três minutos acabou por destruir aquilo que o anterior não tinha arrasado. Nuvens de poeira levantavam-se por toda a vila acompa-

nhadas pelos gritos e gemidos dos feridos, muitos deles soterrados sob os escombros. Por fim, uma onda sísmica invadiu todas as partes baixas da vila, transportando consigo morte e desolação.

O panorama desta vila era terrível. A Igreja do Colégio ficou muito arruinada, tendo vindo abaixo a abóbada da igreja, assim como algumas abóbadas adjacentes. Seis pessoas morreram soterradas, tendo ficado outras feridas nos escombros.

A Igreja Matriz ficou muito destruída, tendo ficado a torre dos sinos rachada em duas partes.

Caíu também a abóbada do Convento de N. Senhora da Esperança (convento de S. Francisco), tendo ficado as paredes completamente arruinadas, assim como outras abóbadas que desabaram completamente.

As Igrejas da Misericórdia e do Corpo Santo sofreram alguns danos com o sismo, embora de menor grandeza que as anteriores.

Quanto às ermidas em número de quinze, existentes dentro e fora da vila, todas ficaram completamente arruinadas. As de Nossa Senhora dos Remédios, Visitação de Sta. Isabel e São João da Muralha, desabaram por completo.

As muralhas e a barbacã sofreram grandes rombos descortinando-se, em parte, o parapeito da barbacã, motivados não só pela violência do terramoto, como pelo impulso das águas.

As casas da Câmara, com as suas cadeias, vieram abaixo, acontecendo idêntica catástrofe às outras casas da vila, que ficaram completamente arruinadas e inabitáveis.

O impulso das águas foi violentíssimo, penetrando até cerca de 880 m além do limite normal, devastando as salinas da vila, o lugar da barca de passagem e a casa do Infantado. Ficaram arrasadas todas as casas do bairro do Sapal que continha 80 fogos, e todas as hortas que havia nessa zona. As águas entraram na Igreja da Misericórdia até à altura aproximada de 2,5 m e destruíram cinco moinhos, dois dos quais pertenciam ao conde da vila.

Devido à invasão das águas morreram afogadas quarenta pessoas.

A fortaleza de Santa Catarina ficou muito destruída devido ao terramoto, assim como todo o resto do sistema defensivo da vila de Portimão.

ELEVAÇÃO A CIDADE

Voltando a falar sobre os condes de Vila Nova de Portimão, sabemos que o condado se perdeu por parte dos Castelo Branco com o terceiro conde desta vila, D. Gregório Thaumaturgo de Castelo Branco, que morreu sem deixar descendência. Sucedeu-lhe sua irmã, filha do segundo conde desta vila, D. Manuel de Castelo Branco, que foi casada com D. Luís da Silveira, quarto conde de Sortelha. Estas duas famílias mais tarde reuniram-se à dos Figueirós (Lencastres). Finalmente, Portimão ficou a pertencer aos marqueses de Abrantes, até à implantação da República.

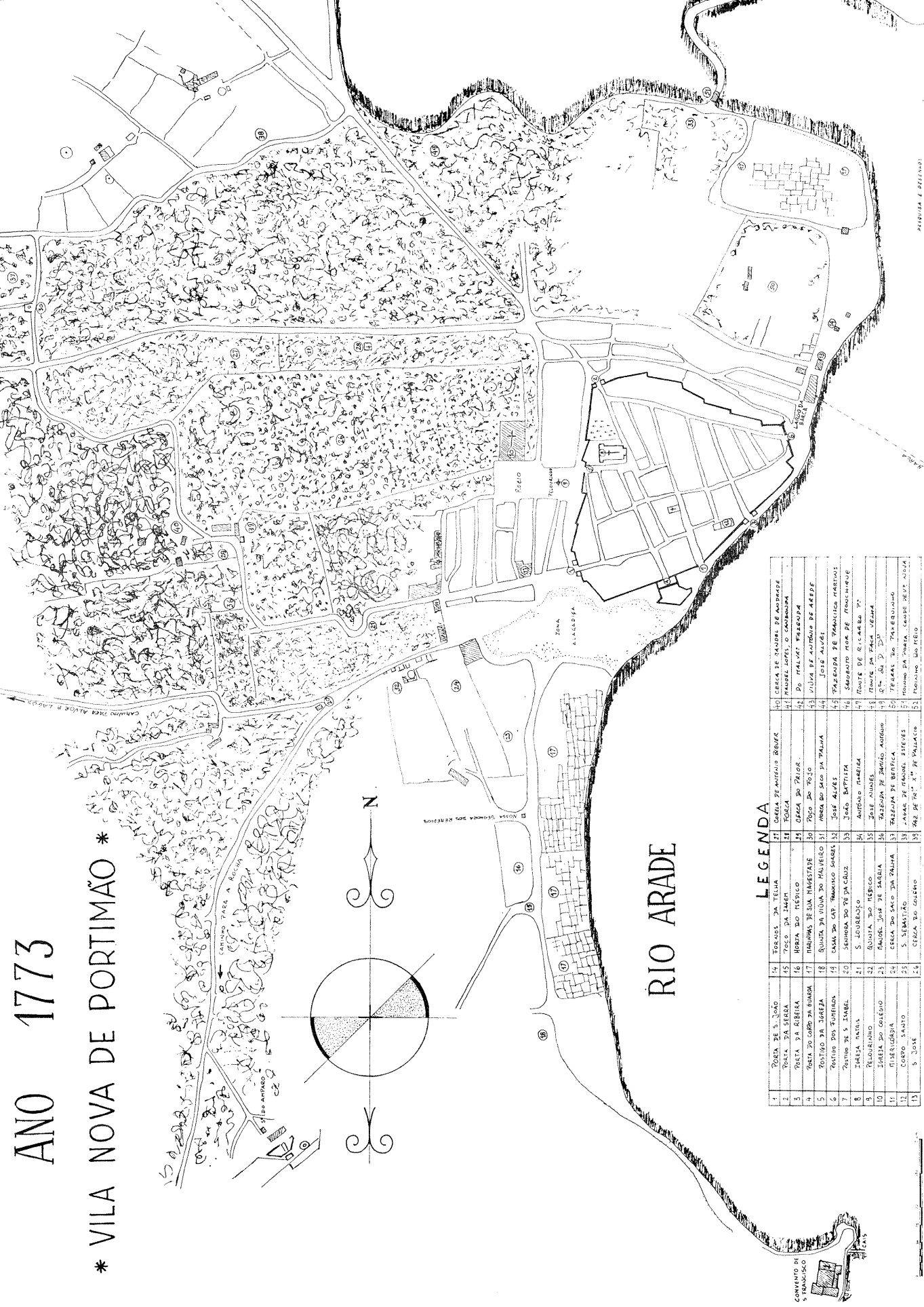
Portimão nunca teve brasão próprio e único. O primeiro foi o dos Castelo Branco, que se manteve até à morte de D. Gregório Thaumaturgo, tendo nessa altura deixado de usá-lo. Sucessivamente esta família foi adoptando os brasões das casas com que se ligou até à dos Figueirós.

No entanto, como foi encontrado um exemplar do brasão dos Castelo Branco nos alicerces de um antigo cemitério, próximo do Postigo da Igreja, hoje «Boa-Esperança Atlético Clube Portimonense», achamos de interesse descrevê-lo. Este brasão compunha-se de um leão com um elmo, tendo nos cantos superiores dois J. J. e nos cantos inferiores dois B. B.

Antes de concluirmos esta pequena síntese histórica sobre Portimão, gostaríamos de referir a primeira elevação a cidade, por parte do Marquês de Pombal e que, infelizmente, devido a problemas com a Santa Sé, nunca se chegou a realizar. Na verdade,

ANO 1773

* VILA NOVA DE PORTIMÃO *



LEGENDA

1	PORTA DE S. JOÃO	14	TORREDO DA TELHA	27	GRANJA DE ANTÓNIO BENEITE	40	GRANJA DE TÁBORA DE ANTÓNIO
2	PORTA DA SERRA	15	POÇO DA JANELA	28	GRANJA	41	PARCEL LUPES, O CANAMUÇA
3	PORTA DA RIBEIRA	16	HORRA DO MEDIO	29	GRANJA DO TRAILO	42	DO TALVET VALADOUÇA
4	PORTA DO CARO DA RIBEIRA	17	REGRANJA DE SUA MARCELA	30	POÇO DO TOPO	43	VILHA DE ANTÓNIO DE ALEIXE
5	PORTA DA SERRA	18	QUINTA DA VILHA DO MARQUEZ	31	PARCEL DO SAO DA PALHA	44	JOSÉ ALVES
6	PORTA DO CARO DA RIBEIRA	19	QUINTA DO CAR. MARQUEZ SALES	32	JOSÉ ALVES	45	GRANJA DE FRANCISCO MARTINS
7	PORTA DE S. JOÃO	20	SEMPRE DO DE SACO	33	JOSÉ BAPTISTA	46	SAGRADO COM DE FRANCISCO
8	PARCEL MATEIA	21	S. JOURELHO	34	ANTONIO MARCELA	47	PARCEL DA FACA VELHA
9	PARCEL DO CARO	22	QUINTA DO MEDIO	35	JOSÉ ALVES	48	PARCEL DA FACA VELHA
10	PARCEL DO CARO	23	PARCEL DO CARO	36	GRANJA DE BENEITE	49	GRANJA DO S. JOÃO
11	PARCEL DO CARO	24	GRANJA DO CARO	37	GRANJA DE BENEITE	50	GRANJA DO S. JOÃO
12	PARCEL DO CARO	25	GRANJA DO CARO	38	GRANJA DE BENEITE	51	GRANJA DO S. JOÃO
13	S. JOSE	26	GRANJA DO CARO	39	GRANJA DE BENEITE	52	GRANJA DO S. JOÃO

REPRODUÇÃO E REPRODUÇÃO
FOTOGRAFIA DO 12 ALMODO CARVALHO
JOSE ALBERTO ALVES
JOSE ALBERTO ALVES

o Marquês de Pombal dividiu o Algarve em dois bispados, tendo colocado, por carta de 28 de Setembro de 1773, no bispado de Portimão, o Dr. Manuel Tavares Coutinho, ao tempo cónego doutoral da Sé da Guarda e lente da Universidade. Depois de várias peripécias e sem se conseguirem da Santa Sé as respectivas bulas de autorização, acabou o sonho do Marquês por se desfazer totalmente com a morte do Rei D. José em 24 de Fevereiro de 1777 e com a subida ao trono de sua filha, D. Maria I.

Aliás, o alvará de 28 de Setembro de 1773 só foi publicado na Chancelaria-Mor da Corte e Reino a 20 de Fevereiro de 1777, quatro dias antes da morte de D. José, pelo que Portimão não chegou a usar das prerrogativas de cidade, nem tão pouco o Dr. Manuel Tavares Coutinho chegou a tomar o cargo de Bispo de Portimão.

Só muitos anos mais tarde, em 1924, mais precisamente a 11 de Dezembro, saíu no *Diário do Governo* a elevação de Portimão a cidade. O que se não conseguiu na época do Marquês de Pombal foi conseguido por um portimonense, o Dr. Manuel Teixeira Gomes, ao tempo Presidente da República, em circunstâncias diferentes.

LOCALIZAÇÃO DAS MURALHAS

Portimão foi cercado por muralhas, cuja construção se iniciou no reinado de D. Afonso V, quando esta povoação foi elevada a vila. Não se sabe ao certo a altura em que as obras de fortificação terminaram; mas, no entanto, no tempo de D. João IV existem documentos relacionados com modificações ou reestruturações das mesmas.

Qualquer que tivesse sido a data em que foram terminadas as muralhas, podemos no entanto descrever e depois deste estudo, reconstituir a localização e traçado da muralha na actual cidade de Portimão (consultar o mapa sobre a localização das muralhas).

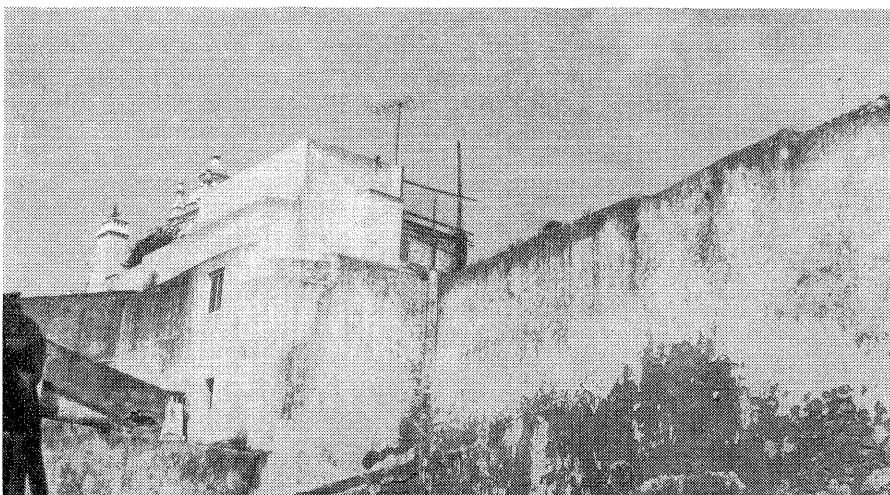
Assim, partindo da Porta da Serra, situada na confluência das ruas da Igreja e da Porta da Serra, com duas torres, as fortificações iam até ao Postigo dos Fumeiros, onde faziam um ângulo. Seguiam à beira-rio onde encontramos a Porta da Ribeira, com duas torres, que existia no início da actual rua Júdice Fialho. As fortificações continuavam até ao Postigo de Santa Isabel, existente no início da rua do mesmo nome. No mesmo troço, encontramos a Porta da Guarda (ou de Nossa Senhora da Graça) com o baluarte de Santa Bárbara, situada no início da Rua da Guarda (actual rua 5 de Outubro), junto aos actuais edifícios dos C. T. T. e Caixa Geral de Depósitos. Aqui, a muralha continuava em linha recta, cortando o actual jardim situado em frente ao palacete dos Sárreas, e formava um ângulo no quarteirão seguinte. Seguiu, então, pela Porta de S. João, com duas torres, situada na confluência das ruas Direita e Diogo Tomé. Passava pelo Postigo da Igreja, mais ou menos situado em frente da Igreja Matriz, e alongava-se até se fechar na Porta da Serra.

Como se pode verificar pelo mapa, a muralha foi construída, não como uma estrutura totalmente rectilínea, mas sim formada por pequenos troços com extensão aproximada de trinta a quarenta metros, fazendo depois um ângulo.

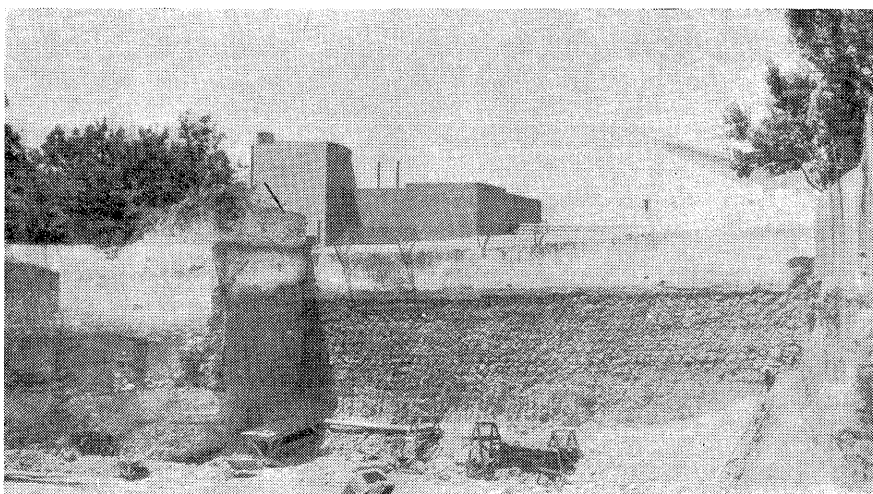
CARACTERÍSTICAS DA CONSTRUÇÃO E EVOLUÇÃO DO SISTEMA DEFENSIVO DE PORTIMÃO

A muralha apresenta um perímetro aproximado de 1100 metros, com configuração mais ou menos triangular e em cujos vértices truncados se localizavam a Porta da Serra, a Porta de S. João e o Postigo dos Fumeiros, que era uma porta menor e sem torres.

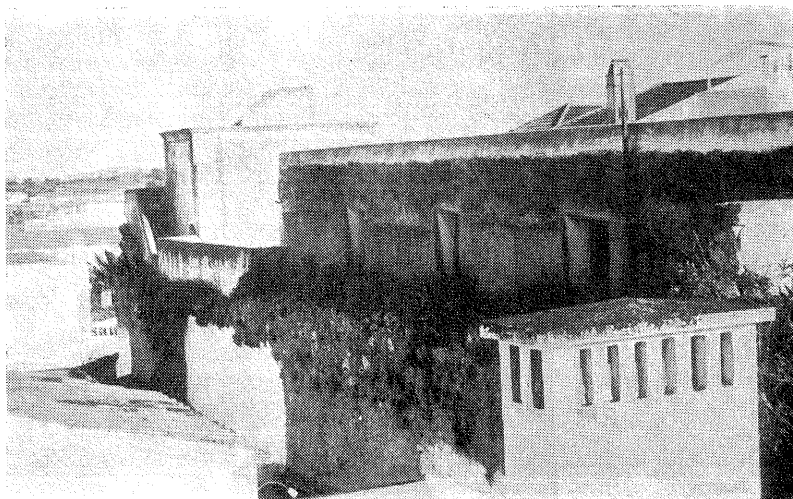
A área muralhada era de cerca de 65 000 metros quadrados (6,5 ha).



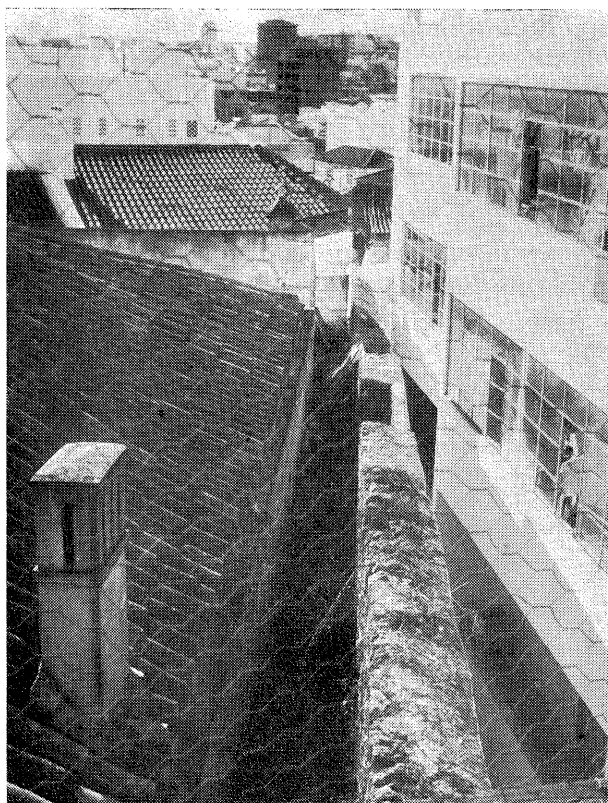
- ◆ TROÇO DE MURALHA POSTO A DESCOBERTO QUANDO DA DEMOLIÇÃO DE UM PRÉDIO NA RUA DIOGO TOMÉ.



- ◆ OUTRO TROÇO DE MURALHA POSTO A DESCOBERTO QUANDO DA DEMOLIÇÃO DO COLÉGIO DE PORTIMÃO NA RUA DR. ERNESTO CABRITA. COMO CURIOSIDADE NOTE-SE, QUE NESTE TROÇO A MURALHA FORMA UM ÂNGULO E QUE TODA A SUA ESTRUTURA ASSENTA SOBRE A PARTE ROCHOSA DO SUBSOLO.



- TROÇO DE MURALHA EXISTENTE ENTRE AS RUAS DR. GUSTAVO CORDEIRO RAMOS E FORNO DOS FUMEIROS.



- TROÇO DE MURALHA EXISTENTE JUNTO À RUA DIOGO TOMÉ E PERTO DA IGREJA MATRIZ.

O trecho de muralha, que vai da Porta da Serra até ao Postigo dos Fumeiros, está completo, e o caminho de ronda, se não fosse cortado, aqui e além, pelo assentamento de paredes das casas que confinam com a muralha — tanto do lado da actual Rua Gustavo Cordeiro Ramos, como pelo lado das actuais ruas Estevão de Vasconcelos e do Forno — poderia ser percorrida numa extensão de duzentos e cinquenta metros. Este caminho é protegido por muros laterais, que ainda hoje existem em certos troços, os quais são talvez o resultado do restauro de possíveis «ameias», totalmente desaparecidas.

Se as ameias existiram, é provável que fossem do tipo rectangular que encontramos em fortificações dos sécs. XV e XVI. De qualquer modo não há a certeza e aqui deixamos a questão em aberto para que alguém, que mais tarde venha a debruçar-se sobre o assunto, nos dê a resposta que não conseguimos encontrar.

A espessura média das muralhas é de 1,60 m, tendo o caminho de ronda, cerca de 1 m de largura. A altura das muralhas varia entre 5 e 6 metros.

No seu traçado, comparado com o da maior parte das vilas e cidades muralhadas, nota-se uma diferença flagrante sobre o aspecto defensivo, pois a sua construção em «dentes de serra», permitia uma vigilância total dos troços da muralha e uma defesa muito mais eficaz, pois deixavam de existir pontos mortos, pelos quais o ataque à cidade fosse mais fácil.

Na sua construção verifica-se, em certos trechos, um tipo de alvenaria mais esmerada, com cunhais em alheta nos ângulos da muralha, em contraste com outros em que se nota uma alvenaria mais pobre. Não é de admirar estas diferenças de construção, uma vez que as obras se prolongaram durante cerca de duzentos anos, mas em todo o caso, toda a construção é relativamente perfeita e bastante sólida, já que toda ela assenta sobre a parte rochosa do subsolo.

Até agora falámos somente, da vila de Portimão, no que diz

respeito às suas muralhas, mais propriamente à sua defesa até ao princípio do séc. XVI.

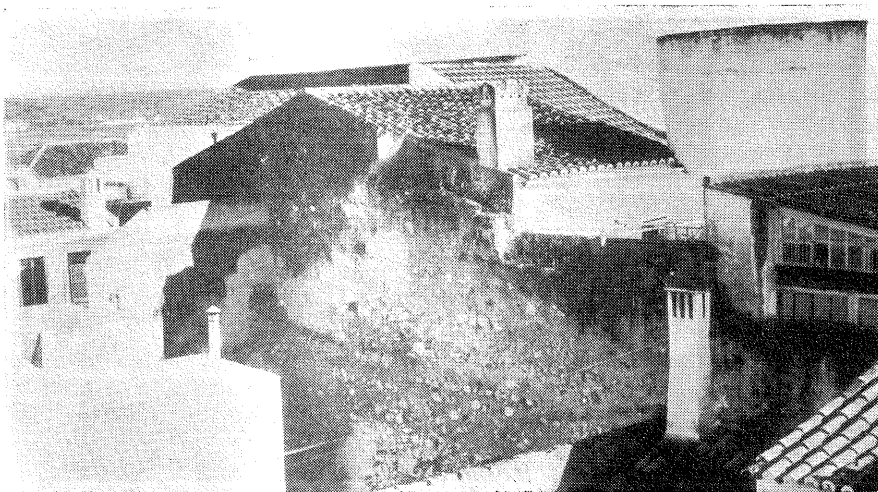
Nesta altura, D. João III mandou erguer na costa algarvia inúmeros fortes e fortalezas, obras estas que se prolongaram pelo reinado de D. Sebastião. Este sistema defensivo tinha a finalidade de proteger a costa algarvia das constantes investidas de um dos maiores males que, porventura, portugueses e espanhóis tiveram que enfrentar — a pirataria.

Este sistema, inicialmente, revelou-se eficaz, já que a pirataria moura, para que fora fundamentalmente construído, diminuiu consideravelmente, mas mostrou-se inoperante e duma incapacidade quase total para a pirataria francesa e inglesa, de que são bem provas as constantes destruições por parte desses corsários, de barcos, cidades e vilas algarvias, especialmente durante o domínio espanhol.

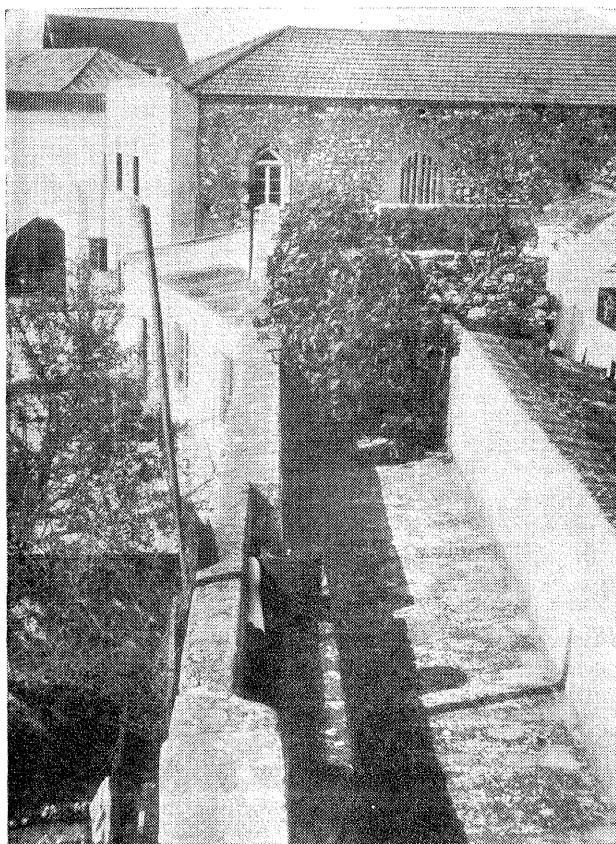
Assim, as fortalezas de Santa Catarina e de São João que se encontram à entrada da foz do rio Arade, foram construídas durante esta fase (séc. XVI) e destinavam-se a uma defesa mais eficaz da vila de Portimão.

A fortaleza de Santa Catarina era guarnecida inicialmente por um destacamento de artilharia comandada por um capitão e situa-se na margem direita do rio Arade. Na margem esquerda, situa-se a fortaleza de São João, aproximadamente a uns trezentos metros da fortaleza de Santa Catarina. Esta fortaleza tinha funções idênticas às da anterior e ambas se destinavam a proteger eficazmente a barra de Portimão de qualquer agressão exterior.

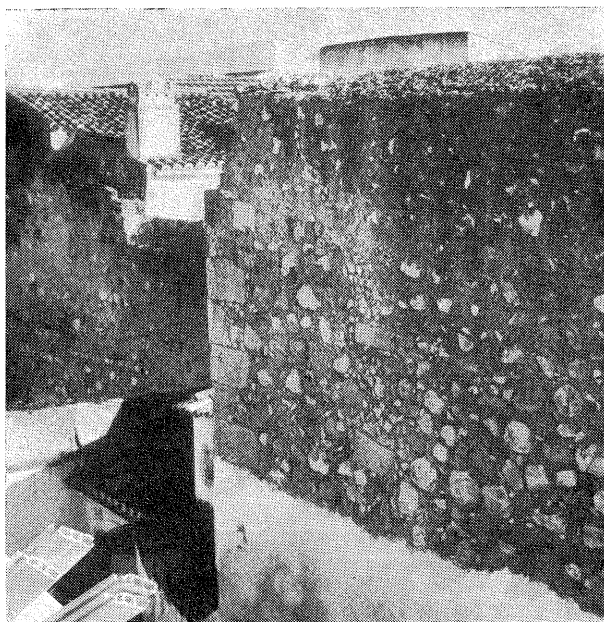
No séc. XVIII, mais precisamente em 1793, foi construído o quartel de Portimão, obra mandada realizar pelo Capitão-General do Algarve conde de Val de Reis. Este quartel, actualmente desaparecido, ficava junto à muralha no sítio onde esta cortava o actual jardim (Largo 1.º de Dezembro), que fica em frente do palacete dos Sárreas. Conjuntamente com este quartel existia, na vila, um paiol de munições situado na Rua do Postigo dos Fumeiros, paiol este, que mais tarde (séc. XIX) foi comprado pelo Sr. Luís António Maravilhas.



- ◆ OUTRO TROÇO DE MURALHA EXISTENTE ENTRE AS RUAS DR. GUSTAVO CORDEIRO RAMOS E FORNO DOS FUMEIROS.



- ◆ TROÇO DE MURALHA EXISTENTE JUNTO À ESCOLA TÉCNICA DE PORTI-MÃO. NOTE-SE A PRESENÇA BEM VISÍVEL DO CAMINHO DE RONDA.



- ◆ TROÇO DA MURALHA EM QUE SE PODE VER EM PORMENOR UM ÂNGULO DA MURALHA, VERIFICANDO-SE UM TIPO DE ALVENARIA ESMERADO COM CUNHAIS EM ALHETA.

- ◆ O MESMO TROÇO, SITUADO ENTRE AS RUAS DR. GUSTAVO CORDEIRO RAMOS E FORNO DOS FUMEIROS, EM QUE PODEMOS VER DE UMA FORMA MAIS GLOBAL O TIPO DE ALVENARIA USADO NA CONSTRUÇÃO DA MURALHA.



AS MURALHAS E O DESENVOLVIMENTO DA VILA

Em primeiro lugar, devemos considerar três pólos centrais, a partir dos quais se desenvolveu a vila. Estão interligados com a construção da muralha e com a fixação da população na vila.

Estes pólos são:

- 1) — Porta da Ribeira;
- 2) — Porta da Serra;
- 3) — Porta de S. João e eixo da Rua Direita.

Foi a partir destes três pontos que a vila se desenvolveu e alargou. Inicialmente, a Porta da Ribeira foi o mais importante, fixando a maior parte da população que se dedicava à actividade piscatória. Simultaneamente começou-se a desenvolver à volta do pólo da Porta da Serra uma importante actividade ligada às trocas comerciais com a serra (de Monchique, neste caso) fixando gradualmente muita gente ligada com este comércio.

Só mais tarde é que se desenvolveu o pólo Porta de S. João — Rua Direita, a partir do qual a população se começou a fixar no exterior da vila muralhada.

Com a evolução dos tempos, a muralha tornou-se um obstáculo à evolução e desenvolvimento da vila, que em dada altura (a partir do séc. XVII, principalmente) se começou a expandir extra-muros. Devemos salientar que esta expansão se deu em forma de «onda» concêntrica a partir da estrutura da muralha, como podemos confrontar no mapa, com a disposição dos quarteirões e das ruas a partir da Porta da Serra para o exterior.

A partir do séc. XVIII, a muralha começou a mostrar-se de completa incapacidade e inutilidade, já que não satisfazia as necessidades militares de defesa da época, pelo que a sua função defensiva, para que inicialmente fora construída, começou a desa-

parecer. Assim, a partir dessa altura, ou mesmo antes, a muralha começou a servir de «encosto» às primeiras habitações que se começaram a construir extra-muros. Ainda hoje podemos observar isso, nas casas existentes junto aos troços de muralha entre o Postigo dos Fumeiros e a Porta da Serra, e entre esta e a Porta de S. João.

CONCLUSÃO

Tentámos, ao elaborar este trabalho, não fazer uma história de Portimão, cuja origem remonta aos tempos pré-históricos, mas sobretudo, estudar o problema das muralhas da antiga vila, tentando enquadrá-las dentro do contexto das várias épocas por que passaram.

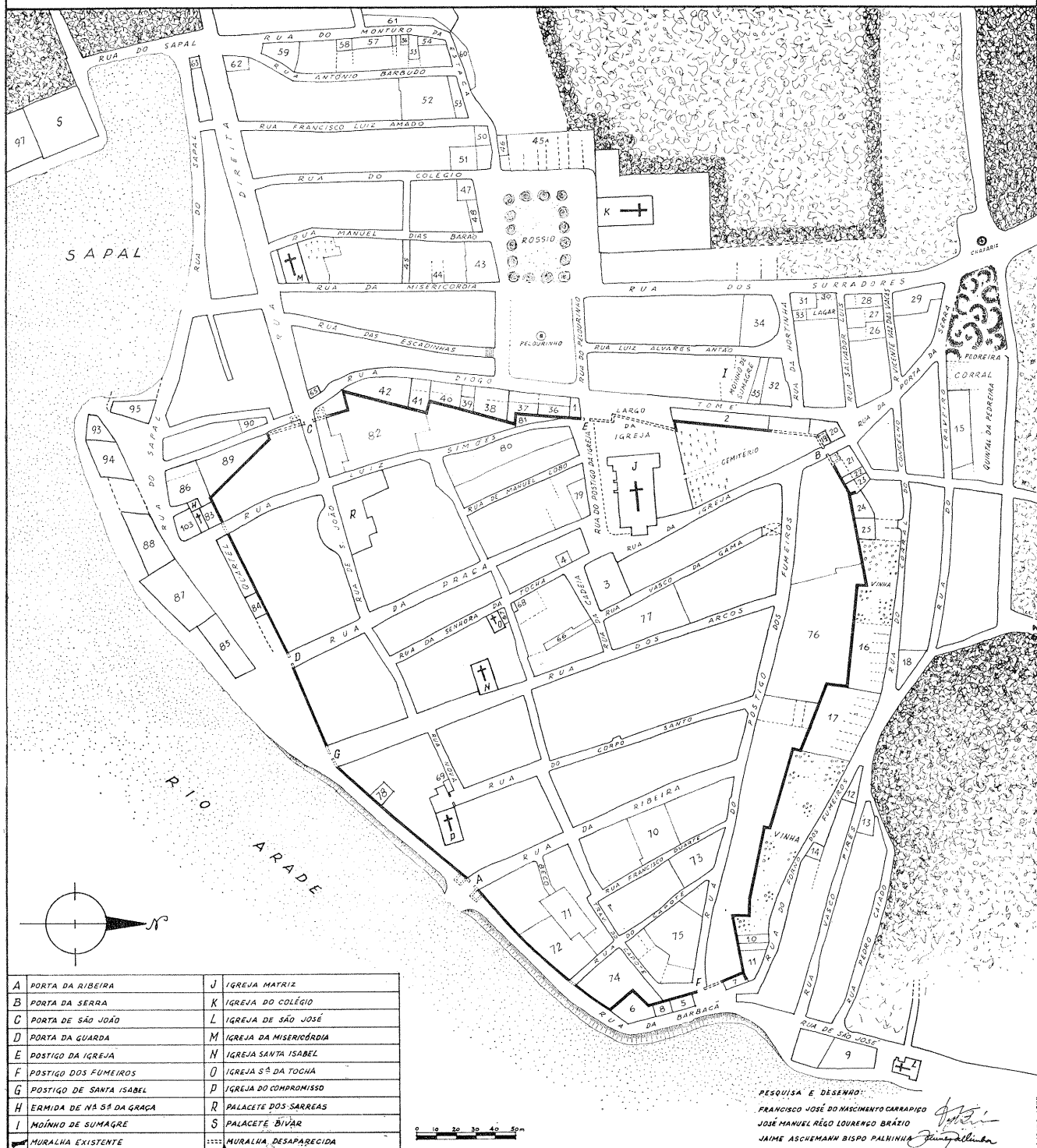
Sempre que nos foi possível, tentámos dar ao leitor uma perspectiva histórica de Portimão na conjuntura social e económica de então. Não sei se o conseguimos; mas no entanto, estamos conscientes que demos o melhor de nós mesmos para que tal se concretizasse.

Antes de terminarmos, gostaríamos de referir, de maneira sumária, o lamentável estado em que muitos dos troços da muralha afonsina se encontram e fazer um apelo para que, num futuro próximo, estas sejam conservadas e se possível reconstruídas, porque tal ainda é possível com boa vontade e compreensão das entidades competentes. Pensamos que essa reconstrução traria muitas vantagens, inclusivé de carácter turístico.

Temos a convicção e fé, que todos aqueles que amam a sua cidade, não vão deixar que se perca para sempre e de forma concreta, aquilo que qualquer cidade, País ou Nação se deve sempre orgulhar — O SEU PATRIMÓNIO HISTÓRICO.

VILA NOVA DE PORTIMÃO-1818

MAPA DOS AFORAMENTOS REGISTRADOS NO "TOMBO DOS BENS DO CONCELHO"



**LEGENDA DO MAPA DOS AFORAMENTOS DE PORTIMÃO
EM 1818 BASEADO NO TOMBO DOS BENS DO CONCELHO**

- 1 — Rua Diogo Tomé — Casas de Emília Augusta Júdice Bequer.
- 2 — Rua Diogo Tomé — Casas de Rosa Angélica Bequer (11 moradas).
- 3 — Paços do Concelho — Prisões, Carcereiros, etc.
- 4 — Açougue Público.
- 5 — Sítio da Barbacã — Casas e quintal de João Varela.
- 6 — Sítio da Barbacã — Armazéns pertencentes a José Ignácio de Sousa.
- 7 — Sítio da Porta do Postigo dos Fumeiros — Casas de Francisco Cabello Groço.
- 8 — Sítio da Barbacã — Casas de Joaquim José Marítimo.
- 9 — Rua S. José — Casas de Damião António Lemos.
- 10 — Rua do Forno dos Fumeiros — Casas e quintal de José Godinho.
- 11 — Rua do Forno dos Fumeiros — Quintal de Joaquim Sant'Ana.
- 12 — Rua Vasco Pires — Casas com 2 quintais de Manuel da Costa Carapussa.
- 13 — Rua Vasco Pires — Casas e quintal de Bernardo Marques.
- 14 — Rua do Forno dos Fumeiros — Duas moradas de casas de José Ramos.
- 15 — Rua do Craveiro.
- 16 — Rua do Corral do Concelho — Vinha e sete casas de Miguel Francisco Pedreiro.
- 17 — Rua do Corral do Concelho — Oito casas de Miguel Francisco.
- 18 — Rua do Corral do Concelho — Casas de Miguel Francisco.
- 19 — Rua da Porta da Serra — Debaixo do Arco Esquerdo, das muralhas — casa de António Figueiredo Chaveco.
- 20 — Rua da Porta da Serra — Casas de Francisco Pereira.
- 21 — Rua da Porta da Serra — Debaixo do Arco Direito das muralhas — Casas e quintal de Joaquim Gonçalves Respinga.

- 22 — Rua da Porta da Serra — Quintal de Inácia Xavier (viúva).
23 — Rua da Porta da Serra — Quintal de José António Pedreiro.
24 — Rua da Porta da Serra — Quintal de Antónia dos Santos.
25 — Rua da Porta da Serra — Quintal nas traseiras das casas de Maria dos Anjos, viúva de Manuel da Costa.
26 — Rua Vicente Vaz das Vacas — Casas de Maria Joaquina, viúva de António Bexiga.
27 — Rua Vicente Vaz das Vacas — Quintal de Maria Gertrudes Bexiga.
28 — Rua Vicente Vaz das Vacas — Quintal do Capitão José Amado Pereira.
29 — Rua Vicente Vaz das Vacas — Quintal da Viúva Joaquim José Ribeiro.
30 — Rua Salvador Luís — Lagar de José Inácio Bustorf.
31 — Rua da Hortinha — Casas e Quintal de Joaquim José Chaveco.
32 — Rua da Hortinha — Casa com 2 quintais de José Nascimento Chaveco.
33 — Rua da Hortinha — Casas e quintal da viúva de Manuel Nascimento Carrapato.
34 — Rua dos Surradores — Casas e 1 quintal da Mariana Vitória, viúva de Francisco Glória Almocreve.
35 — Rua Diogo Tomé — Chão de António Alexandre Pargana.
36 — Rua Diogo Tomé — 1 quintal de Manuel Jaques.
37 — Rua Diogo Tomé — 1 quintal de João de Figueiredo.
38 — Rua Diogo Tomé — Quintal de António Pimentel.
39 — Rua Diogo Tomé — Quintal de Manuel Alvares Barreguinha.
40 — Rua Diogo Tomé — Quintal de Silvestre de Jesus Pinhota.
41 — Rua Diogo Tomé — Quintal de Silvestre de Jesus da Silva.
42 — Rua Diogo Tomé — Quintal de Angela Gomes, viúva de José Duarte Serpa.
43 — Rua da Misericórdia — Quintal de José Francisco de Oliveira Branquinho.
44 — Rua da Misericórdia — Quintal e Casas de Francisco Alves Ruivo.
45 — Rua Manuel Dias Barão — Quintal de Damaso José Pimentel.
45-A — Rua do Colégio — Cercado de terra de Gertrudes de Palácio, viúva do Capitão-Mór de Moçambique, nas trazeiras de suas casas que possui no Rossio do Colégio.
46 — Rua do Colégio — Casas que possui Bernardino Nunes.
47 — Rossio do Colégio — Casa que serve de armazém de João Duarte Serpa.
48 — Rossio do Colégio — Casas de José Maria Alvares.
49 — Rua do Rossio do Colégio — Um chão e casas de Ricardo José Marques.
50 — Rua do Colégio — Casas de Ignácia Maria, viúva de António Ribeiro Varela.
51 — Rua do Colégio — Casas e Quintais de Miguel Santos Barcelos.

- 52 — Rua Francisco Luiz Amado — Quintal de Inês Josefa, viúva de Manuel José Neto.
- 53 — Rua do Monturo da Estaca — Casas e Quintal de António José Boto.
- 54 — Rua do Monturo da Estaca — Casas e quintal de António José Mandinga.
- 55 — Rua do Monturo da Estaca — Partes de casas e quintal de Mariana, viúva de José António da Luz.
- 56 — Rua do Monturo da Estaca — Quintal de Ana, viúva de Francisco José Grandão.
- 57 — Rua do Monturo da Estaca — Alpendrada e parte do quintal de Manuel José Fernandes.
- 58 — Rua do Monturo da Estaca — Parte do Quintal de José Duarte Serpa.
- 59 — Rua do Monturo de Estaca — Casas e quintal de Francisco Montes.
- 60 — Rua do Monturo da Estaca — Casas e Chão de Manuel José Grandão.
- 61 — Casas e quintal de João Barroso de Andrade.
- 62 — Rua António Barbudo — Casas e quintais de António José Carrapato.
- 63 — Rua Direita — Chão de José Joaquim Moreira de Brito.
- 64 — Rua Direita — Casas de Angélica Rosa, viúva de Lucas António.
- 65 — Rua Direita — Casas do Ajudante António Pimentel.
- 66 — Rua Senhora da Tocha — Quintal de António José de Paiva.
- 67 — Rua Senhora da Tocha — Quintal de Ana Tereza, viúva de José da Costa.
- 68 — Rua Senhora da Tocha — Terreno em que se acham as escadas que serve de entrada as casas que possui D. Ana Bárbara.
- 69 — Rua Nova — Estrebaria e Palheiro de José Joaquim Moreira de Brito.
- 70 — Rua Direita — Quintal de José Inácio Bustorf.
- 71 — Rua Direita — Quintal de Manuel Domingues.
- 72 — Rua Direita — Quintal de José dos Santos Balleiro.
- 73 — Rua Francisco Duarte — Quintal de José da Silva Asentista.
- 74 — Rua do Capote — Quintal de Inácio Bustorf.
- 75 — Rua do Postigo dos Fumeiros — Quintal de Francisco dos Reis Cartaxo.
- 76 — Rua do Postigo dos Fumeiros — Quintal de Filipe Alistão Teles Monis Corte Real.
- 77 — Rua Vasco da Gama — Cerca do Capitão Francisco Paula Sarria.
- 78 — Rua dos Arcos — Parte do Quintal de Marquês de Abrantes.
- 79 — Rua da Praça — Quintal de Francisco de Sousa Pereira.
- 80 — Rua do Postigo da Igreja — Quintal de D. Maria Perpétua de Castão Farto, viúva do Guarda-Mór da Saúde, Bernardo Pedro Pargana Teixeira e Castro.
- 81 — Rua Luís Simões — Casas que possui José Judice Biquer.
- 82 — Rua Luís Simões — Casas e quintal de Pedro Coutinho.

- 83 — Rua Luís Simões — Quintal de Teodoro Maria Biquer de Gusmão.
- 84 — Rua do Sapal — Casas de Francisco de Sousa Pereira.
- 85 — Rua do Sapal — Casas do Capitão Manuel Duarte Franco.
- 86 — Rua do Sapal — Casas e quintal de Tomé Duarte (junto à ermida da Senhora da Graça).
- 87 — Rua do Sapal — Casas de 3 moradas de José Maurício.
- 88 — Rua do Sapal — Duas moradas de casas de João Oliveira Hortelão.
- 89 — Rua do Sapal — Casas e quintal de Inácio Dias Gatinho.
- 90 — Rua do Sapal — Casas e quintal de Nicolau da Cruz Estanqueiro.
- 91 — Rua do Sapal — Casas da viúva de João de Sousa Padeiro.
- 92 — Rua do Sapal — Casas de João de Santiago Caçorino.
- 93 — Rua do Sapal — Casas de José da Costa Malveiro.
- 94 — Rua do Sapal — Casas de Jacinta Perpétua Garrocha, viúva de José Amado.
- 95 — Rua do Sapal — Casas de António José de Brito.
- 96 — Rua do Sapal — Casas de António Vaz da Silva Pardal Pedreiro.
- 97 — Rua do Sapal — Casas de palácio e seu jardim e courela e fazenda anexa de José de Almeida Coelho.
- 98 — Arrabaldes de S. Pedro — Lagar de azeite de José de Almeida Coelho.
- 99 — Sítio do Sapal de S. Pedro — Bocado de terreno de António Alexandre Pargana Teixeira e Castro.
- 100 — Sítio do Poço Seco — Horta de Manuel Rodrigues.
- 101 — Rua do Forno — Chão para casas de Ana Joaquina.
- 102 — Rua da Barbacã — Chão para casas de Bernardo Vilhena.
- 103 — Rua Luís Simões — Chão para casas de António Maria Teles Barbeiro.

A P Ê N D I C E

Seguidamente incluímos em apêndice dois documentos que transcrevemos, um na íntegra e o outro parcialmente, relacionados com Vila Nova de Portimão e com as muralhas.

O primeiro, transcrito integralmente, é do séc. XVIII, mais precisamente de 1758 e refere-se às respostas dadas pelo pároco desta vila ao questionário feito pelo Marquês de Pombal, três anos depois do terramoto de 1755. É de notar que alguns dos dados históricos anteriores ao séc. XVIII, particularmente algumas datas, não correspondem à realidade dos factos históricos. Por isso, não é de estranhar que o leitor encontre alguns desses dados em contradição com os referidos no texto da obra. No entanto, este documento reveste-se de capital importância para o estudo sócio-económico e geográfico de Portimão no séc. XVIII e em particular para o estudo detalhado dos prejuízos e das trágicas consequências do terramoto de 1755 na Vila de Portimão.

O segundo documento, transcrito parcialmente, é do princípio do séc. XIX (1806) e refere-se a um pedido de autorização ao Conde Monteiro-Mor de Lagos para demolir dois troços de muralha e a taipa que tapava a Rua da Ribeira, a fim de aproveitar a pedra para a construção dum cais.

É interessante notar que a Câmara Municipal não concordou com a localização do cais na Porta da Ribeira, mas sim na Porta de Santa Isabel. Daqui, resulta a dúvida de se a muralha teria sido demolida nessa altura ou posteriormente. No entanto, arriscamo-nos a afirmar e provavelmente com razão, de que a destruição da muralha, pelo menos nessa zona, se tivesse efectuado nessa altura.

APÊNDICE A

CARDOSO, Luís — *Dicionário Geográfico de Portugal*, vol. 29, págs. 1613 a 1628.

N 230

Villa nova de Portimão

1613 — Depois que o Senhor Rey D. Affonço 3.^o fez a ultima / conquista aos Mouros, cos expulçou deste Reyno do Al- / garve, que foy no anno de 1250 athé a fundação desta / villa / que foy no anno de 1473 medirão 223 annos nos / quais cuydarão os homens, com suas famílias de viver / por varias partes, sendo humas dellas, o lugar de Portimão / sitto na borda do rio, pouco distante da barra entre elle / e o convento de N. Senhora da Esperança desta villa / o que bem se comprova pellos edificios que o impulso / das agoas do mar impelio pella barra dentro no pri- / meiro dia de Novembro de 1755 descobrindo os das / areas en que havia muytos annos estavam sepultados, / vendece os habitantes deste pouvo, vexados das / con- / tinuas que em embarcassois, digo das continuas en- / tradas, que em embarcassois fazião os Mouros, Castella- / nos, e Estrangeiros, por aquella barra, nesse tempo / sem defença, como mais proximos da barra e do / perigo, solicitarão de se congrassar com outros que vevi/ão en / casais circunvezinhos e outros que moravão na Ba/rrosa- / queyra sitta na foz deste rio, chamado então de / Silves, / ao termo da qual pertencião estes sittios, e uni/formes / convierão, quarenta vezinhos, dos quais era o mais / principal João de Portimão, cognome que lhe davão ou / to/mou derivado da pouvoação em que vivia e Andre / An/nes seu filho, Pedro Vâz deam da Sé de Silves, e

dois cone/gos mais da mesma Sé, de fazer huma pouvoação en que / juntos habitacem, para que melhor se defendecem, das inva/zois, que de continuo, pella barra, lhe fazião os inimigos / para cujo efeyto mandarão o ditto deam com procuração / de todos, a contratar, com o S.^{nr} Rey D. Affonso 5.^o que para / melhor defença daquelle porto, farião huma pouvoação / na qual no termo de dois annos farião quarenta cazas e to/as (sic) mais que pudecem, contanto que ditto Monarca lhes avia / de dar alguns privilegios, e izensois, e nunca daria //

1614 — Daria a tal pouvoação, a Principe, Infante, ou Donatário / algum, o que tudo assim contratado, e outorgado, por escriptura / publica, declarando nella o ditto Monarca, que dali em dian/te queria que onde se fundava aquella pouvoação, se chamace / São Lourenço da Barroza, a qual escriptura se fez no an/no de 1473 e fundada logo esta pouvoação no sitio / detreminado, da Barrozaqueyra, na fôz deste rio, não pass/arão muytos tempos que o mesmo Monarca, não desse a tal / pouvoação, com os direytos, e rendimentos, que nella tinha, a / Gonçalo Vâz de Castelobranco, em remuneração, de ser/vissos que tinha feyto, a sua real coroa, e de acompanhar / na ida que fez sobre Samora, e de se achar com muita / gente sua na batalha de Castro, en que fez obras de gran/de valor, derotando os primeyros, e principais batalhois, don/de sahio queymado; asim que o ditto Gonçalo Vâz de Castello/branco se vio Senhor desta villa, com direytos, e rendas della / poz logo por obra a muralha, e fortificalla de torres, de con/vidar habitadores que a povoassem (sic); por morte do ditto passou / a tal mercey a seu filho d. Francisco de Castelobranco, e por / morte deste passou a d. Martinho de Castelobranco, filho des/te e netto do primeyro o qual morreu sem filhos com seu / irmão d. Diogo

de Castelobranco na batalha de Alcacera / com o S.^{or} D. Sebastião; e daqui passou a ditta graça / a d. Manuel de Castelobranco seu sobrinho / filho do ditto d. Diogo, e por morte do / tal passou a graça a sua mulher / D. Branca de Vilhena e por morte della a seu filho d. Gregorio de Castelobranco, por morte do qual espirou a graça / e passou para a Coroa, todas estas graças que forão feytas / a estes Ilustres Senhores Condes desta villa e de Figueyro e Sortella; forão confirmadas pellos Senhores Reys d. João 2.^o / d. Manoel, d. João 3.^o, d. Sebastião, Cardeal Rey, e pellos / Felippes 2.^o, 3.^o, e 4.^o.

1.^o — Fica esta villa nova de Portimão, no Reyno do Algarve / sugueyto ao mesmo Bispado, chomarca de Lagos de que / dista duas légoas, e tem freguezia e termo seu, razão / por que não pertence a outro algum /.

2.^o — De presente pertence à coroa, e não he de donatários /.

3.^o — De vizinhos tem quinhentos e vinte doys en que se incluem //

1615 — // incluem mil e oito centos e duas pessoas /.

4.^o — Está situada junto a huma Ermida de Sam Lourenço / da Barrosa, que de antes da fundação desta villa, ain/da hoje se conserva na foz e margem do rio, em hum / monte muito pouco elevado, de sorte que par a sobi/da não fatiga; e de algumas partes se descobre parte / do lugar de Estombar, distante desta villa meya / legoa, e também todo o lugar de Ferragudo, distan/te hum quarto de legoa, ambos da outra parte do / rio, e no termo da cidade de Silves /.

5.^o — O seu termo da parte do sul, para poente confina em / distância, desta villa, de hum quarto de legoa com o mar / oceão, e em pouca mais distância, para o poente confina com o termo da villa de Alvor, e para o

norte em / distância de meya legoa, confina com o termo da / cidade de Silves, e pello nascente, com o rio desta villa./

6.º — A igreja Parochial hé colegiada, e está fundada, na par/te mais eminente, do meyo da mesma villa, com distancia igual, a todas as partes /.

7.º — O orago he N. Senhora da Conceyção, en ella se contão no/ve capelas, a saber capellamor, e duas mais colatrais, da parte do Evangelho, a do Santissimo Sacramento, e da par/te da Epistola de N. Senhora da Encarnação, tem tres / naves, e vindo pella da parte do Evangelho, de sima / p.^a a porta principal, a prymeira capella hé do Santo An/tonio, e a seguinte de N. Senhora do Rozario dos portos; / e a outra das Almas, e da parte da Epistola, seguindo / a mesma ordem a primeyra he de N. Senhora do Rozario / dos Brancos, a outra de N. Senhora da Guia, e a seguinte / do Senhor Jesus dos passos; Todas estas capellas teem suas / irmandades, menos a de N. Senhora da Encarnação, es/tão sugueytas (sic), a esta Parochial, duas irmandades, / huma da Ermida da N. Senhora do Pé da Cruz, e a ou/tra de São Sebastião — estão mais sugueytas a esta Colegiada / seis mordemios, a saber, N. Senhora da Saude, N. Senhora da Graça, N. S.^a dos Remedios, São José, São Pedro Apos/tolo, São Lourenço da Barroza, — a que leva //

1616 — // As atenções de todos, he a de huma estupenda colunata, que / a deve de em tres navez, cujas alem de muyto elevadas / e bem proporcionada grandeza, se formão de cada parte, / sobre ellas sinco arcos de pedra também lavrados, lança/dos e cahidos com tal naturalidade, que não sómente fazem / este templo célebre, mas não aver outro que lhe exceda / nim iguale, en todo este Reyno do Algarve. /

8.º — O Parocho desta Colegiada he Prior, e dos de

concurso deste / Bispado, o provimento, della pertence ao Papa, e aos Senhores / Bispos, conforme o mes en que vaga segundo a alternativa / — o rendimento surto do Parocho, são cento e trinta e oito alqueyres de trigo — e sincoenta / e sette almudes de mosto, e dez tostois em dinheyro — e mi/ssas insertas, e contingentes. /

9.º — Tem esta Colegiada trez beneffeicios simples, e tem cada / beneffeicio de renda secenta e nove alqueyres de trigo, e / sincoenta e sete almudes de mosto; o seu provimento / pertence aos Senhores Bispos, ou aos Senhores Nuncios des/tes Reynos, por serem de ténue rendimento, segundo / alternativa são dados por aquelle a quem pertence / con forme o mez, en que paga. /

10.º — Tem esta villa hum Colegio de Jejuistas (sic) moderno de mara/vilhosa architectura e grandeza, todo de abobedas, seu / orago he São Francisco Xavier, seu Padroeyro foy Diogo Gonsalvez, natural desta villa, a qual tem seus ossos, con / hum tumulo de pedra na capella mor, da parte do Evan/gelho, faleceo de idade de setenta e trez annos, aos deza/sette de Junho de mil seis centos e secenta e quatro anos, / instituhio neste Colegio seis capelancias e missa cotidi/anna, escolla para ensinar a ler, e duas aulas huma de / Latim e a outra de moral a factura desta obra foy / feyta por dezenho, e risco, que fez o P. Bartholameu Duar/te, religioso da Companhia de Jezus, grandissimo archi/tecto, e a primeyra pedra da sua fundação, foy posta / en dia das onze mil virgens do anno de mil seis cen/tos e secenta. /

Há mais um convento, de religiosos (sic) reformados da Provin/cia da Piedade, situada fora desta villa em distancia des/tta, a meyo quarto de legoa, junto ao rio en lugar alguma couza levantado; e o seu orago he N. Senhora / da Esperança, do qual se acha na Chronica da Provincia //

1617 — // Provincia da Piedade, que Simão Correa, natural de Táboas da Raynha, capitam que foy de Azamor, em Africa, caza/do com D. Joanna de Faria, fidalgo principal, o fez El- / Rey, o Senhor D. Manoel, Ayo da infanta D. Brites sua / filha, que casou em Saboya, o qual a foy acompanhar / e depois de vir de lá no anno de mil e quinhentos e trinta deu humas casas, que tinha nesta villa, junto ao rio, pou/co acima, onde agora está o convento, aos P. P. observantes / da Provincia de Portugal, e nellas estiveram os dittos Padres, / athé ao anno de mil e quinhentos e trinta e trez, en que / as deyxarão, aos padres da Provincia dos Algarves, porque nesse tempo, se devidio esta provincia da de Portugal, en e/llas estiverão athé o anno de mil quinhentos e quarenta / e hum, en cujo anno vierão os P. P. da Provincia da Piedade / para ellas, por troca que fizerão dos conventos, indo os / da observancia para Faro, e os da Piedade, que lá estavam / p.^a cá, por ditriminação do Senhor Rey D. João treceyro; / e como as casas não tinham forma de convento, as demolirão, / e derão principio a fazer convento regular, e só na Igreja / não ouve mudança, ficando da sorte, en que estava, e no prezente está sobre ã porta principal da Igreja, está / huma pedra de jaspe com as armas do ditto Simão Correa, / que ajudou e contribuyo para a obra da Igreja; a capella / mor mandarão fazer, Balthazar de Mello da Cunha cavaleyro / do habito de Christo, natural da cidade de Tavira, e sua / mulher, natural da cidade de Silvez, no alto / do Cruzeyro da capella, estão as suas armas, en hum escu/do, e ambos estão sepultados na principal sepultura da / capella e por se acabar a descendencia destes derão os P. P. / da provincia, o padroado da ditta capella aos Illustres Se/nhores Condes desta villa; e depois entrou no ditto padroado / da capella, por sentença que teve Gaspar de Faria Sarrea /

homem dos principais desta villa; no primeiro capítulo / que teve este convento está sepultado o primeyro funda/ dor Simão Correa e seu Irmão João Mendes Correa, en/ segundo, que dep...(?), fez Antonio de C. Caravalho, / en cuja tinha sepultura, e seus herdeyros. /

11.º — Tem esta villa cazas de hospital, sim rendi- mento algum / administrado pela menza, e irmandade da Misericor/dia. //

1618 — 12.º — Tem Igreja, e caza de Mizericordia, que por falta de ren/das, se acha em mizeravel estado, e não há documentos, nem / tradição, por onde conste, de sua pri- meyra creação; — Nesta Igre/ja, vinera o pouvo huma ima- gem, de hum Santo Christo Cru/xificado, en huma capella, da parte do Evangelho, que man/dan fazer, o capitão João Pacheco de Souza, desta villa a / qual imagem no anno de mil e quinhentos e oitenta e oi/to, en sexta feyra da paxam do ditto anno, milagroza/mente se despregon da cruz, na rinitencia, que Tome / Gonsalvez, tinha de per- doar, a Diogo Tomé e a seus fi/lhos, as injurias, que lhe tinham feyto, sobre as quais anda/vão litigando; e este milagre está tombado, na primeyra / folha, do tombo velho da Mizericordia. /

13.º — Ha mais huma Igreja, chamada do Corpo Santo com in/vocação, de São Pedro Gonsalvéz, a qual hé dos marian/tes desta villa; e nesta se acha estabalicida, a vene- ravel or/dem treceyro de São Francisco, e tambem nella se está paro/chiando, por incapacidade da propria, e ha certeza por / tradição, que esta Igreja, foy hospital dos mariantes —/— Há nesta villa quinze Ermidas, sette dentro da villa, que são, o Senhor de bom fim, o Spirito Santo, — N. Senhora / da Toxa, que fundou Sebastião do Couto, e he administrador Francisco Nunes Ti ... (?) — N. Se- nhora da Graça —/— Vizitação de Santa Izabel, que fundou

D. Maria Pereyra / e são administradores os P. P. da Companhia desta villa, —/— São Joze, — São João Baptista da muralha, — e oito fora da villa, que são — Nossa Senhora do Pé da Cruz, e nesta / Ermida se acha entre os testemunhos de alguns milagres / huns grilhois, con que Antonio da Veyga Bocarro, natu/ral da villa de Cascais, escrevão propriatário da Alfandega / da villa de Albufeyra e na mesma villa morador hia / prezo, e algemado para a cidade de Lagos, por ordem do / Senhor D. Verissimo de Alencastre, sendo Enquezidor, em / Evora, que veyo mesmo em pessoa devaçar, â ditta villa, de / humas cutiladas, que se tinham dado na cara, e corpo, de N. / Senhora Dourada, da ditta villa, cujo crime se lhe imputava / e passando o sobredito prazo, pella porta desta Ermida, de/precando, e exclamando, à Senhora, se mostre (?) a verdade da/quelle facto, e acudice pella sua inocencia, de repente lhe / cahirão os grilhois, e deytando lhe outros mais apertados que / mandarão buscar nesta villa, ao passar pella porta de N. Se/nhora da Juda, da villa de Alvor, fazendo a mesma depre/cassão, e exclamação succedeo o mesmo de que informado //

1619 — // informado o ditto Senhor Enquizidor, mandou pôr o ditto, / em sua liberdade e o houve por livre de falça accusação —/— N. Senhora da Saude — Nossa Senhora do Emparo fun/dada por Jose da Costa Tavares con huma quinta sua de que he administrador Manoel (?) Jose de Sarria, — N. Senhora dos Remédios e São Noutel, de que he administrador Joze Ra/pozo — São Lourenço da Barroza, — São Sebastião, — São / Pedro Apostollo, — e Santa Catharina na fortaleza do / mesmo nome — e todas estas quinze Ermidas, são sufra/guanias da Parochia. /

14.º — As Ermidas a que acodem algumas Romagéns, posto que / não são con frequência en todo o anno, he

Nossa Senhora / do Pé da Cruz, — e N. Senhora da Saúde, e principalmen/te no dia da festa desta, que se celebra, a oito de Setem/bro, com concurso grande do pouvo, e de pontes circunve/zinhas, fazendoce nesse dia huma vigilia ou mercado, jun/to à mesma Ermida.

15.º — Os frutos da terra, são vinhos — amendoas durazias e de co/quo, — sumagres, — trigo, — figos, — alguns legumes e a/zeyte em pouca quantidade e todos estes frutos em me/diana abundancia por conta do termo ser limitado / que onde mais se estenda não passa de meya legoa, e com/prehender em si muitas terras infurtíferas, que não servem / para cultura. /

16.º — Tem esta villa juiz de fora, camara com cazas, e cadeas / digo com cazas de audiencia e cadeas e não está sugueyta / mais que a Correyção da cidade de Lagos, e a Provedoria do / Reyno.

17.º — He Cabeça de Concelho, e não he Couto — honra — ou Behetria. /

18.º — Os homéns, de que ha noticia que florecerão em virtu/de são os seguintes — Fr. Antonio de Silvéz sacerdote / e religioso da Provincia da Piedade, de sublime prefey/ção e pureza, que obrigado da charidade, se ofereceo, para cu/rar e administrar o comer, e os sacramentos, nesta villa / e na de Alvor, aos feridos da peste, e andando neste santo / exercicio, ferido do mesmo mal, acabou a vida aos oito de / Mayo, de mil quinhentos e oitenta — e está sepultado no / alpendre deste convento, de N. Sra. da Esperança, junto ao / canto da portaria. //

1620 — // O P.º Fr. Niculao Pobreza, religioso da 3.ª ordem regular de / São Francisco, capelão da armada real, que estando esta / no mar à vista do Convento da Senhora da Esperança desta / villa adoeceo e veyo para ella, onde faleceo com admiraveis / virtudes, e com expicalidade na

claridade, no anno de / mil e seiscentos e dezoito, e está sepultado, na capella mor do / convento.

O P.^e Gonçalo Fernandes, natural desta villa nova de Portimão / graduado em theologia, passou a Madrid no anno de mil / e seiscentos e dezasseis, a thomar o hábito na religião dos clérigos / regulares menores, e ahi floreceo, em todas as virtudes, tido / por todos, por varão justo, e santo, faleceo a vinte e trez de / Janeyro, de mil seiscentos e vinte e oito. /

O P.^e Pedro de Souza, natural desta villa nova de Portimão / foy dos primeiros relygiosos dos Clérigos menores de Ma/drid, ahi floreceo en grandes quilates, de prefeyção religiosa e regular observância deyxando eterna memoria na sua / religião; faleceo aos dez de Junho, do anno de mil e seiscentos e vinte digo vinte e seis. /

O Fr. Francisco de villa nova de Portimão e da mesma natu/ral, religioso da Província da Piedade por letras e por vir/tude, foi sétimo Bispo, da Ilha de São Tomé eleyto por / Filipe o prudente, no anno de mil e quinhentos e noventa / sagrouse em Lisboa, e exerceo a occupação de Bispo sette / annos, no fim dos quais faleceo naquela ilha. /

Os trez seguintes, consta de hum manuscripto do / P.^e João Alvares Duarte, natural desta villa nova sacerdote do hábito de S. Pedro vigario da vara que foy des/ta villa e Prior encomendado e ministro do Santo officio, o qual manuscripto, está por elle jurado. /

O P.^e Fr. Bartholomeu dos Martires, natural desta villa / nova da família dos Xalins, Religioso graciano des/calço, que morreo nas Indias, Martir e Ceñtificado / e fez milagres em vida.

O P.^e Francisco Vãz, natural desta villa nova, sacerdote do hábito de São Pedro, de conhecida virtude e de vida / exemplar e faleceo nesta villa. /

O P.^e Fr. Miguel da Ascensão, natural desta villa
nova //

1621 — religioso do Carmo de boa opinião e o mayor letrado
que deu este Reyno do Algarve foy lente de prima / e
irmão do P.^e Francisco Vãz, atraz nomiado, foy chamado /
a Roma por ordem do Papa, e faleceo no caminho. /

Os dois seguintes, consta por documentos, que têm
os / religiosos, deste convento, de N. Senhora da Espe-
rança / e noticia vulgar. /

Fr. Diogo de Faro, religioso da Provincia da Piedade,
confeçor, de conhecida virtude, e observancia da sua
regra / inda conhecido, de muytas pessoas desta villa,
faleceo no / convento de N. Senhora da Esperança, de
idade de ou/tenta annos, aos vinte e sete de Março, de mil
e sette/centos e dez, e no mesmo convento está sepultado /
Fr. Diogo de Mertolla, religioso da Provincia da Pi-
edade, confeçor de conhecida virtude, e com expici/alidade
na sua omildade, e bstinencia (sic), tan parco que / pouco
comia, nunca dormio em cama, pois de continuo, ci/tava
em contemplação, duas vezes por sua devoção, foy / messio-
nar ao Grão Pará, foy vizitar os lugares santos, com
licença dos seus superiores, faleceo de idade, de seten/ta
annos, pouco mais, ou menos, no convento de N. Senh/ora
da Esperança, a doze de Dezembro, de mil e sette centos /
e trinta e nove, e no mesmo convento está sepultado. /

19.^o — Nesta villa se fâz feyra de tréz dias, a qual
principia / no dia onze de Novembro, antigamente era
livre / e agora he captiva, por se pagar nella, os direitos
custa/mados. /

20.^o — Tem esta villa correyo, que chega nas se-
gundas feyras / pello meyo dia, e parte pellas dez, ou onze
horas da noy/te do mézmo dia. /

21.^o — Dista esta villa, a cidade de Faro, capital do

Bispado / nove legoas, e della a cidade de Lisboa, capital do Reyno, quarenta legoas. /

22.º —nada deste interrogatorio...../

23.º — Esta villa, não contém nêem em todo o seu termo, fon/te alguma e manancial, porque para o uzo de beber / se valem de agoa de possos, que todas são grossas, e salobras. //

1622 — 24.º — Tem esta villa, hum a Barra, declinando do Sul, para / poente, com distancia de hum quarto de legoa, guar/nessida com duas fortalezas, hum a da parte do Sul (Sol?), cha/mada de São João, que he a do rezisto, sito no termo de Sil/véz, da outra parte do rio; e outra da parte do poente / sitta na ponta de terra, chamada de Santa Catharina / em a qual há seu capitão governador, — tem a Barra / em prea mar, vinte dois palmos de agoa, pouco mais / ou menos, conforme as agoas são, e em baxa mar, terá / déz, ou onze palmos; e por isso, tem capacidade, de in/trar nella toda a qualidade de imbarcações, não / sendo de extraordinaria grandeza; porem sendo / imbarcações grandes, commummente, não entrão / sem piloto, por cauza de alguns bancos de area movêns / que se lhe fazêem, com as inundações, a corrente de agoas / que vem de terra, tem capacidade, em distancia, de ma/is de meya legoa, tanto em fundura, como em largura / de acomodar mais trezentas embarcações sendo a / mayor parte dellas, portuguezas e algumas Inglezas e o/landezas, que vêm a condução dos frutos, deste Reyno / para os transportarem para varias partes, entrão tam/bem nella outras embarcassois, de varias nasçois (sic) que vêm / neste rio a refugiar, dos tempos contrarios, por ser o rio / muito quieto, e socegado, que he rara a vez, que se vey al/terado. /

25.º — He esta villa cercada de hum a antiga muralha,

em que ha algumas torres à entrada de quatro portas que tem, huma chamada da praça, que esta cuberta com hum baluarte, chamado de Santa Bárbara, fazendo frente ao rio e à barra, a outra porta com duas torres, chamada a da ribeyra junto ao Rio, fronteira entre o Sul, e nascente — outra com duas torres, fronteyra ao norte chamada a porta da Serra — outra fronteira ao poente com duas torres, chamada a porta de São João — tem mais tres portas menos principais, huma que chamão o postigo dos fumeyros, fronteyro ao nascente, — outro que chamão postigo de Santa Izabel, fronteyro ao Sul — outra chamado postigo da Igreja, fronteyro ao poente — e tanto em portas como em postigos, e na Igreja principal, se achão entalhados em pedra hum leão com hum elmo, ou morrião, por sima com dois J. J. nos cantos de sima e dois B. B. — nos cantos de bacho antigas armas dos Castelos Brancos, condes desta villa. //

1623 — // 26.º — Foy esta villa huma das terras, que neste Reyno do Algarve, ma/is padeceo no terramoto, do primeyro de Novembro de 1755 / porque alem, das muytas ruinas, que nella avia, no dia re/ferido, se arruinou em todo a Parochia desta villa, ã tempo / com louvável zello se cuidava em sua mayor prefeyção, e reparo; e pella universal ruina, e perda, que todos os / moradores, desta villa, receberão, e pezados tributos, con que / não podém, e pagão assim (?) de siza dobrada, a vinte por cento, e outros mais tributos, e alojamentos, de quinze, en / quinze dias de soldados, se veem impossibilitados de meynos / não só para o reparo da Igreja, mas ainda de suas cazas / por cujos motivoz, muita parte dos moradores desta villa / se vão e têm auzentado, para outras terras, e com tanto / excesso, que da quaresma do anno proximo passado do / anno de 1752 (?) athé esta do prezente anno de 1758 fal/

tarão trinta e quatro fogos, en que se comprehendião oi/ tenta e sinco pessoas, sucedendo o mesmo nos annos / antecedentes, — Padeceo mais, o sumptuoso templo do / Colegio, da Companhia de Jesus, vindo a abobeda da Igreja (sic), toda abaxo, com o seu fronte expicio, e al/ gumas a/bobedas mais, proximas do mesmo; en cujas roinas mo/rreirão seis pessoas, ficando outras muitas entu/ lhadas, e / maltratadas, e inda está tudo isto, sem reparo, — Cahio / também, abobeda do Convento de N. Senhora da Esperança dos religiozos da Piedade, e ficarão as paredes da / mesma Igreja, aruinadas, e vierão também a terra mui/tas abobedas, do mesmo convento, que actualmente andavão fazendo, e ainda se acha sem reparo, — â Igreja / da Misericordia, e à do Corpo Santo, também padecerão / muito, porem ja se achão reparadas, — quinze Ermidas / que ha dentro, e fora desta villa, todas ficarão destroçadas, e arui/nadas, das quais trez vierão de todo abaxo pellos alicerces / que forão N. Senhora dos Remédios, — a Vizi/ tação de S.^{ta} Izabel, / e São João da muralha, — e destas só a da Vizitação de S.^{ta} Iza/bel, se acha restaurada, das demais so se achão reparadas / N. Senhora do Pé da Cruz, e a Ermida da Sr.^a da Saude, e de / São Lourenço da Barroza, — e a de S.^{ta} Catharina da fortaleza. //

1624 — // Da fortaleza, e todas as mais estão ainda sem reparo / — As muralhas desta villa, com suas torres, e contra mura/ lha, que tem para a parte do rio, a que chamão Barbacam / em partes tiverão grandes arombadas, descortinando / em grande parte, o parapeyto da Barbacam, motivado / tudo tanto, da vehemencia do terramoto, como do impul/ço das agoas, — as cazas da Camara, com suas cadeas, a mayor / parte dellas vierão a terra, e o mesmo succedeo, en todas as / mais da villa, que as mais dellas vierão a terra, e al/ guma que ficou, estão destroçadas, e aruinadas e qua/zi todas

estão ... (?) por estarém inhabitavéns, — / Não fez menos danno, a rapida innundação das agoas / que sahirão do mar, na mesma ocasião, entrando por / terra dentro, e excedendo os lemites naturais, em par/tes, mais de oitocentas varas, devastando as salinas des/ta villa, as quais pertencem e o rendimento da barca / e da portagém, a Caza do Infantado, ficando de sorte / as salinas, que desde então, nunca mais se fez nellas sal / — arezando a mesma inundação, quantas cazas / âvia no bayro do asapal, que continha oitenta fogos / aruinando todas as hortas, que avia para a parte do / ditto asapal, entrando a agoa na Igreja da Misericor/dia, em altura doze palmos, destruhio tambem na / mesma ocasião, três moynhos, dois do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. / conde desta villa, que tinha nove engenhos, e he outro (?) chamado o moinho novo, que tem sinco, o qual em parte / ja está redeeficado, e os dois inda se achão no mesmo es/tado — A fortaleza de Santa Catharina tambem pade/ceo muito, e nella não está reparado, mais que / a Ermida e cazas do capitão, — e finalmente não ouve / edificio, ou caza que não padececem — morrerão nesta / invazão afogadas quarenta pessoas. /

Não ha Serra /

Rio /

1.^o — O Rio de villa nova goza de presente, este mesmo nome, e / antes da fundação desta villa, se chamava rio de Silvéz / e nos seculos antigos, se chava (sic) Portus Anibalis, inda que não / falte quem diga, que foce o Rio de Alvor, porem a villa / de Alvor, nunca teve, nêem tem Barra, nem Rio, capáz de / entrar nelle embarcassão, de alto bordo, por que o mais que //

1625 — // que o mais que pode admitir, he algum hiate pequeno. /

2.^o — Este Rio he de agoa salgada que do mar ocião de/clinante do Sul, para o poente, entra pella barra e / terra dentro em distancia de duas legoas e são mui/tos os nascimentos de agoa doce, que nelle se lhe vêm / introduzir procedendo os mais delles, da Foya e Serra / da Picota de Monchique, e da Serra da Mesquita / , a da de São Bartolomeu de Messines, não são cau/dalozos, em seu princípio porém correm, em todo o an/no, inda que verois sejam secos. /

3.^o — Devidia este Rio en três braços; em distância da barra / por onde entra de hum bom quarto de legoa, um / outro tanta distancia para a parte do norte, entra / pella terra dentro, que em preya mar, chega a Bou/na, morgado de D. Joze da Silva, e athe qui he na/vegavel e neste sittio, se lhe vem introduzir várias ri/beyras, procedidas, da Foya e Serra da Picota de Monchi/que, na distancia de trez legoas, procedendo os qua/tro primeyros nascimentos das abas da Foya nos / sitios, do Corte Pereyro —, Cano, — Belém, — e São Clemente — e discorrendo, todos estes quatro emanciais para o Sul, a breve distancia se incorporão todos, fazendo / seu currio, pello sitio da Nave e porto do Bispo, fregue/zia de Monchique e discorrendo se lhe introduz hu/ma ribeyra, chamada do gilbordalo, procedia das / abas da Serra da Picota de Monchique, e mais abaixo, / se lhe introduz as medicinais agoas, procedidas das / Caldas de Monchique e em distância de legoa e me/ya, de seus primeiros nascimentos, no sitio da Torri/nha, se lhe introduz outra ribeyra chamada do São / Marrão, procedida da Foya de Monchique e todas / incorporadas vem fazendo sua degreção athe os campos / do Bouna fertilizando-os com suas agoas athe semeter / nas salgadas, deste primeiro braço. /

Da barra deste rio, em distancia de legoa e meya onde /
 está no meyo do rio a Ilha de N. Sr.a do Rozário, se divide /
 o rio, em dois braços iguais, hum que encaminha para /
 o norte e outro para o nascente, o que encaminha para /
 o norte chegam suas agoas em preya mar, por sima de /
 huma ponte velha e aruinada chamada do de Louca. //

1626 — // de Louca e neste sitio, se lhe introduzem várias ribeyras /
 procedidas da Foya, Serra da Picota e da Mesquita de /
 Monchique sendo navegavel athe a ditta ponte em dis /
 tancia de meya legoa athe a Ilha, e de duas athe a barra /;
 o principal nascimento das agoas que no sittio se lhe / vem
 introduzir, emana em distancia de pouco menos / de quatro
 legoas, das abas da Foya de Mônchique / e do Convento
 de N. Senhora do desterro dos religiosos / da 3.^a ordem
 regular de São Francisco, este emananci/al sahe de seu
 nascimento, com abundancia de agoas / com as quais vay
 logo fertilizando, fazendas e quin/tas, por onde passa e
 fazendo sua degreção pellas abas do dito lugar, se vay
 fazendo mais copioza de agoas, pe/llas muitas que lhe
 introduzem, em varios sittios sen/do as primeyras as da
 ribeyra das milharadas, procedida / da Serra da Picota, e
 todas as mais agoas que imanão / da mesma Serra fronteyras
 p.^a norte em distan/cia de huma legoa athe lugar de São
 Romão do Al/ferce, que são tantos os ribeyros aroyos e
 nascimentos / que se não podem numerar nem dedominar,
 por seus / próprios nomes; — da parte do norte frontera
 ao nas/cente, se lhe introduz no sittio do Brejo, digo do
 Brejo / huma ribeyra, chamada do veâdor, procedida da
 Foya; / no sittio da pârra outra chamada do Seyxal pro-
 cedida da / mesma Foya — outra no sittio da pomba âsim
 chamada / procedida da Serra da Mesquita e fazendo sua
 dregreção por perto do lugar do Alferce do norte para
 o Sul / se lhe introduz outra ribeyra chamada do Cancino

pro/cedida da Serra da Mesquita no sittio de Benefate e / mais abaixo, se lhe introduz outra chamada de São / Marcos, por passar pella Igreja e freguesia do mesmo Santo, que procede do termo de Ourique; e no Mon/chiquão, se lhe introduz outra assim, chamada que pro/cede da Picota, da fonte dos Erimitas e todas estas / ribeyras incorporadas, vão parar no de Louca junto / a ponte mis-turando suas agoas, com as salgadas do / segundo braço; todas estas agoas com seus nascimentos / correm despe-nhadas e arebatadas, e em distancia de hu/ma / legoa, donde nascem não crião peixe algum, pe/lla frieza das agoas e passada a tal distancia, he que / crião alguns bordallos e tanto estas ribeyras, como as do / primeyro braço que vem parar à Bouna nos verois se — //

1627 — // secos expirimentão muyta deminuição em suas agoas / pois athe entrarem nas salgadas, a vão devirtindo-a (?) e toman/do-a em asudes e socalcos, para regarem, arvoredos, milhos / frejois e hortijos /.

O treceyro braço que na Ilha do Rozário declina do nor/te p.^a o nascente, em distancia de meya legoa da Ilha / e de duas legoas da barra; em preya mar, chega a cida/de de Silvéz e a sua ponte e athe ahi he navegavel e a/hi se lhe introduz uma ribeyra procedida da Serra / de São Bartholomeu de Messines, chamada de Frades / que discorre por Santo Estevo, outra mais chamada / do En-xerim, com outros nascimentos mais que se in/troduzem na agoa salgada junto da ditta ponte. /

4.^o — Athe onde chega a agoa salgada, he este Rio navegavel / porém há-de ser em barcos ou em barcassóis pequenas. /

5.^o — Já se dice que em seus nascimentos, todas as agoas correm / arebatadas e despenhadas, e assim arebatadas

depois que / entrão nas salgadas, corrém quietas e com socego. /

6.º — Os mais de seus nascimentos correm de norte ao / sul. /

7.º — Na agoa deste Rio se crião muitas espécies de / pexes, sendo em mayor quantidade Mugens, Lingoados, / exarrocós, e em menos salmonetes, Bodiois, Safios, en/ guiaxos, chocós, alcorrazes, sefios, e outras muitas espé/ cies / de peyxes e outros que entrão e saém com as en/ xentes, / e vazantes das marés. /

8.º — Em todo o anno se fazem pescarias neste Rio. /

9.º — As pescarias são livres neste Rio, e de quem as quer fa/zer, e não tem senhor particular, e somente aquellas / que se fazem para vender, pagão direytos, que são a vinte / e sinco por cento, sinco a El-Rey e dez a Sr.^a Raynha / e dez a Caza do Infantado. /

10.º — nada. /

11.º — nada. //

1628 — // 12.º — Athe a Mixilhoeyra da Carregação, se chama Rio de villa / nova de Portimão, dahi para sima Rio de Silvez. /

13.º — Morre no mar oceano, entre a fortaleza de Santa / Chatarina e a ponta do Altar. /

14.º — nada. /

15.º — Não tem pontes uzacé de huma barca cujo rendi/mento e de salinas, e portagem pertence a Caza do / Infantado. /

16.º — Tem no destrito do termo desta villa, trez moinhos / com quinze engenhos, e fora estes, ha em todo o Rio tre/ze moinhos, com quarenta e oito engenhos. /

17.º — nada. /

18.º — nada. /

19.º — As povoações que ha donde chega a agoa salga/da, são a cidade de Silvéz, a Mixilhoeyra da Ca/rregação, esta villa nova de Portimão, e o lugar de Fer-ragudo.

NOTA :

/ — Mudança de linha no manuscrito original.

// — Mudança de página no manuscrito original.

APÊNDICE B

Cópias da Câmara Municipal de Portimão, 1803/1841, fls. 81 v.º —
83 v.º

(Fotocópias existentes na Biblioteca Municipal de Portimão).

Licenças do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conde Monteiro Mor para se derri-
barem as Taipas das ruas e mais Muralhas velhas para a obra
do Caes.

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor.

A Camara desta Villa tem representado a Sua Alteza Real a grande
necessidade que ha de se edificar hum Caes no Sitio da Porta da
Ribeira por ficar proximo à Caza da Alfandega honde mais como-
damente se podem embarcar os generos tiveram e felicidade de
provar as permissas que apontarão em seo Requerimento e que
o mesmo Senhor lhe fizece consultar a sua representação nos termos
que pedião, porem como para mayor belleza da obra se assentou
por Mestres que lhe tirarão o risco que os dois frascos de Muralha
que ficão no dito sitio deverião demulir-se, como também a Taipa
que tapa a rua assim como todas as outras, o que se não pode fazer
sem licença de Vossa Excellencia. Pertendem por esta razão que
visto terem a fortuna de que Vossa Excellencia nesta occazião
observou pessoalmente a necessidade ou superfluidade de seme-
lhantes Muralhas e quanto concorre para a belleza das ruas o
dezafogo e desembaraço da sahida das mesmas e a utilidade e a
utilidade que pode prestar a obra indicada a pedra que se tirar
das ditas Taipas e Muralhas Velhas desta Villa; se digne conceder-
-lhe pelo bem publico a demulição dos ditos Frascos e Taipas das
ruas assim como de qualquer Muralha cuja pedra seja necessaria
à referida obra, e à beleza dos Edifícios da terra. Portimão trinta
de Julho de mil oito centos e seis. Eu Theodoro Maria Bequer e
Gusmão, Escrivão da Camara que escrevi ...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MANUSCRITAS

Biblioteca Municipal de Portimão

CARDOSO, Luís — *Dicionário Geográfico de Portugal*, vol. 29, págs. 1613 a 1628, séc. XVIII (fotocópias).

Tombo dos Reconhecimentos, medições, demarcações e confrontações dos Bens e Rendimentos do Concelho de Vila Nova de Portimão, 1818.

Cópias da Câmara Municipal de Portimão, 1803|1841, fls. 81 v.º — 83 v.º

Biblioteca Nacional de Lisboa

S. JOSÉ, João de — *Corografia do Reino do Algarve*, 4 livros, séc. XVI.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Livro do Guadiana n.º 2, folhas 227

Idem n.º 3, folhas 34

Idem n.º 4, folhas 201

Idem n.º 5, folhas 138

Idem n.º 8, folhas 95

IMPRESSAS

ALARCÃO, Jorge de — *Portugal Romano*, Lisboa, Verbo, 1973.

FERRO, Gaetano — *L'Algarve. Monografia Regional*, Génova, 1956.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. 22. Lisboa — Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, (s. d.).

- IRIA, Alberto — *As pescarias no Algarve. Subsídios para a sua história*. «Conservas de Peixe. Revista mensal», Lisboa, 1953/1954.
- LAPA, Albino — *Portimão Cidade Duas Vezes e o compromisso dos seus pescadores*, Lisboa, (s. ed.), 1959.
- LOPES, João Baptista da Silva — *Corographia... do Reino do Algarve*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1841.
- LOPES, João Baptista da Silva — *Memórias para a História Ecclesiástica do Bispado do Algarve*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1848.
- MAGALHÃES, Joaquim Antero Romero — *Para o estudo do Algarve Económico durante o século XVI*, Lisboa, Cosmos, 1970.
- MARQUES, A. H. de Oliveira — *História de Portugal*, vol. I, Lisboa, Edições Ágora, 1972.
- MENDES, Gabriel — *Catálogo de cartas Antigas da Mapoteca do Instituto Geográfico e Cadastral*, Lisboa, Instituto Geográfico e Cadastral, 1969.
- NUNES, José Joaquim — *Portimão*, Lisboa, Casa do Algarve, 1956.
- SANTARÉM, Visconde de — *Memórias e alguns documentos para a História e Teoria das Cortes Gerais que em Portugal se celebraram*, Lisboa, Imp. de Portugal — Brasil, 2.^a ed., 1924.
- SERRÃO, Joel — *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, Iniciativa Editoriais, 1963/1971.
- VEIGA, Estácio da — *Antiguidades Monumentais do Algarve*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1886/1891.
- VIEIRA, Joaquim Gonçalves — *Memória Monográfica de Villa Nova de Portimão*, Porto, Typ. Universal, 1911.

MAPOTECA CONSULTADA

Instituto Geográfico e Cadastral — Cartas Antigas n.º 267 e 268.

Carta Antiga n.º 267

CARTA TOPOGRAPHICA / das quatro légoas que jazem, entre Villa nova de Portimão, e Villa nova de Monxique, com/ o alinhamento dos caminhos, que se devem abrir, para a comunicação das ditas Villas; tirada/ por ordem,/ do/ Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor/ D. Joze Francisco da Costa/ Armador Mor de S. Mag.^e G.^{or} e Capp.^{am} G.^{nal} Deste R.^{no} do Algarve,/ e executada pellos Sargentos mores,/ Romao Joze do Rego, Joze de Vasconcellos, e o Capp.^{am} Joze Carlos Mardel, a os 12 de Julho de 1773.

Ms., color., em papel

1910 × 795 mm.

Carta Antiga n.º 268

MAPPA HIDROGRAFICO/ da Costa que forma a enxada da Praça de Lagos/ com a sonda da altura do Mar na distância do alcance de Artelharia de ponto em branco mand.^o tirar geometricamente/ Pelo Conde de Val de Reys/ G.^{or} e Cap.^{am}. Gen.^{al} do R.^{no} D'Alg.^e para estabelecer hum projecto de defeza p.^a ser presente/ ao Principe N. S./ Executado pelo Cor.^{el} Joze de Vasconcellos em 17 de Março de 1794.

Ms., color., em papel

2650 × 1200 mm.

Extraído de — MENDES, Gabriel — *Catálogo de cartas Antigas da Mapoteca do Instituto Geográfico e Cadastral*, págs. 115 e 116.

Í N D I C E

	Página
AGRADECIMENTOS	3
PREFÁCIO	5
INTRODUÇÃO	7
A VILA E SEUS DONATÁRIOS	9
IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DE PORTIMÃO	12
O TERRAMOTO DE 1755..	14
ELEVAÇÃO A CIDADE	16
LOCALIZAÇÃO DAS MURALHAS.	17
CARACTERÍSTICAS DA CONSTRUÇÃO E EVOLUÇÃO DO SISTEMA DEFENSIVO DE PORTIMÃO	18
AS MURALHAS E O DESENVOLVIMENTO DA VILA	21
CONCLUSÃO... ..	22
APÊNDICE	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..	47
MAPOTECA CONSULTADA	49

COMPOSTO E IMPRESSO

———— NA ————

TIP. CISIAL — ANADIA